UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

RAMILDA VIANA GOMES DA SILVA

GRAMATICALIZAÇÃO E VARIAÇÃO NA ESCOLA: A REALIZAÇÃO DO TEMPO VERBAL FUTURO DO PRESENTE NAS MODALIDADES ORAL E ESCRITA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Vitória da Conquista – BA
Abril/ 2018

RAMILDA VIANA GOMES DA SILVA

GRAMATICALIZAÇÃO E VARIAÇÃO NA ESCOLA: A REALIZAÇÃO DO TEMPO VERBAL FUTURO DO PRESENTE NAS MODALIDADES ORAL E ESCRITA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, *Campus* Vitória da Conquista, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Valéria Viana Sousa

Vitória da Conquista – BA
Abril/2018

S583g

Silva, Ramilda Viana Gomes da.

Gramaticalização e variação na escola: a realização do tempo verbal futuro do presente nas modalidades oral e escrita da Língua Portuguesa./ Ramilda Viana Gomes da Silva, 2018.

95f.

Orientador (a): Drª. Valéria Viana Sousa.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, Vitória da Conquista, 2018.
Inclui referência F. 85 a 88.
1. Tempo verbal – Futuro do presente. 2. Sociofuncionalismo. 3. Futuro Perifrástico.I. Sousa, Valéria Viana. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS III. T.

CDD 469

Catalogação na fonte: ***Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890***

UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS

ATA REFERENTE AO EXAME DE DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DA MESTRANDA **RAMILDA VIANA GOMES DA SILVA** DO PROGRAMA MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS, DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB.

Aos quatro dias do mês de abril do ano de 2018, às 14h, na sala 09, localizada no Módulo de Pós- Graduação *Strictu Sensu, campus* de Vitória da Conquista, Ramilda Viana Gomes da Silva, regularmente matriculada sob o registro acadêmico nº FEV200028, defendeu a Dissertação **"GRAMATICALIZAÇÃO E VARIAÇÃO NA ESCOLA: A REALIZAÇÃO DO TEMPO VERBAL FUTURO DO PRESENTE, NAS MODALIDADES ORAL E ESCRITA DA LÍNGUA PORTUGUESA"**, perante a Banca Examinadora composta pelos professores doutores: Valéria Viana Sousa (UESB) – ***Presidente***, Jorge Augusto Alves da Silva (UESB) e Denise Porto Cardoso (UFS) - Membros Titulares, e obteve APROVAÇÃO. Entretanto, o efeito legal desta ata, para o fim específico de emissão de diploma de Mestre Profissional em Letras, está condicionado à entrega da versão definitiva da dissertação no prazo máximo de 60 (sessenta) dias decorridos da data de defesa, qual seja, 04 de junho de 2018, no Colegiado do Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, *Campus* Vitória da Conquista, com alterações e/ou correções sugeridas pelos membros da banca, conforme preconiza o artigo 65, capítulo XIII do Regimento Interno do Mestrado Profissional em Letras. Nada mais havendo a ser tratado, eu, Prof.ª Dr.ª Valéria Viana Sousa, encerro a sessão pública de defesa, da qual lavrei a presente ata que, após leitura, será assinada por mim, pelos demais membros da banca e pela candidata ao título de mestre.

Vitória da Conquista – Bahia, 04 de abril de 2018.

Valéria Viana Sousa
Prof.ª Dr.ª Valéria Viana Sousa (UESB)
Orientadora

Jorge Augusto Alves da Silva
Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (UESB)
Examinador

Denise Porto Cardoso
Prof.ª Dr.ª Denise Porto Cardoso (UFS)
Examinadora

Ramilda Viana Gomes da Silva
Ramilda Viana Gomes da Silva
Mestranda

RESUMO

Neste trabalho, tivemos como objetivo central investigar a realização do tempo verbal futuro do presente nas produções orais e escritas dos alunos do 9º ano, do Colégio Municipal Deputado Luís Eduardo Magalhães, no município de Piripá-BA. Como professores de Língua Portuguesa, observamos que, nas falas e produções escritas dos nossos alunos, há um significativo uso do tempo verbal futuro do presente. Entre as formas utilizadas pelos discentes, o tempo verbal futuro do presente em sua forma perifrástica, com o verbo IR como auxiliar, uso não previsto pela gramática normativa, tem sido uma forma bastante recorrente. Elencamos as seguintes hipóteses: a forma perifrástica do tempo verbal futuro do presente, com o verbo IR como auxiliar, ocorre nas duas modalidades (oral e escrita), no entanto, aparece com maior frequência na modalidade oral; o fenômeno supracitado não é abordado pelos professores de Língua Portuguesa, ao trabalharem os tempos verbais em sala de aula; os compêndios gramaticais e livros didáticos não trazem a abordagem do fenômeno estudado, como forma de orientar o trabalho docente. Para também compor a pesquisa, realizamos entrevistas com os professores de Língua Portuguesa do referido colégio, com o propósito de verificar como o assunto está sendo abordado em sala de aula por esses professores. Na literatura linguística, já existem alguns trabalhos voltados para esse fenômeno, a saber: Gibbon (2000), Oliveira (2006), Bragança (2008), Figueredo (2015), Silva (2016), entre outros, mas a nossa análise ocorreu no contexto da Escola Pública, no último ano letivo do Ensino Fundamental II, levando em consideração a atuação do professor. Dessa forma, realizamos uma discussão sobre o assunto, abordando, à luz da Teoria Sociofuncionalista e do Processo de Gramaticalização, as formas de futuro do presente na Tradição Gramatical e na Tradição Linguística, bem como no contexto escolar. Diante do exposto, é salutar que, em nossa pesquisa, estejam envolvidos discentes, docentes e livros didáticos de Língua Portuguesa. Este trabalho se justifica, ainda, uma vez que produzimos um material didático-pedagógico para auxiliar o professor no trabalho com esse tempo verbal para que, dessa forma, possamos contribuir para um ensino que considere a relevância da língua em funcionamento.

Palavras-chave: Sociofuncionalismo. Futuro Perifrástico. Verbo IR. Variação. Gramaticalização.

ABSTRACT

In this study, we aim to investigate the realization of the future verbal tense of the present, in the oral and written productions of the students of the 9th grade, from the Luís Eduardo Magalhães Municipal College, in the municipality of Piripá-BA. As Portuguese language teachers, we observe that, in the written statements and productions of our students, there is a significant use of future tense of the present tense. Among the forms used by the students, the present tense in its periphrastic form, with the verb IR as auxiliary, use not provided by normative grammar, has been a very recurrent form. We note the following hypotheses: the periphrastic form of future verbal tense of the present, with the verb IR as auxiliary, occurs in both modalities (oral and written), however, it appears more frequently in the oral modality; the aforementioned phenomenon is not approached by the teachers of portuguese language, when working the tenses in the classroom; the grammatical textbooks and didactic books do not bring the approach of the studied phenomenon, as a way of guiding the teaching work. In order to compose the research, we conducted interviews with the portuguese language teachers of the referred college, in order to verify how the subject is being approached in the classroom by these teachers. In the linguistic literature there are already some works focused on this phenomenon, namely: Gibbon (2000), Oliveira (2006), Bragança (2008), Figueredo (2015), Silva (2016), among others, but our analysis occurred in the context of the Public School, in the last year of primary schooling, taking into account the teacher's performance. In this way, we present a discussion about the subject, approaching, in the light of Socio-functionalist Theory and the Process of Grammaticalization, future forms of the present in the Grammatical Tradition and in the Linguistic Tradition, as well as in the school context. In view of the above, it is salutary that, in our research, students, teachers and portuguese language textbooks are involved. This work is justified even once we produce a didactic-pedagogical material to assist the teacher in the work with this verbal time so that, in this way, we can contribute to a teaching that considers the relevance of the language in operation.

Keywords: Sociofunctionalism. Perifrastic Future. Verb To Go. Variation. Grammaticalization.

A Deus, que sempre ilumina meus caminhos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, luz da minha vida, que nunca me deixou perder o foco, a força e a fé.

A Mário, meu esposo, meu amor, meu amigo, meu companheiro, meu porto seguro. Obrigada pela compreensão e apoio em mais uma etapa da minha vida.

Aos meus filhos, Wesley Leone e Tarso Leone, amores da minha vida, que transformam minhas angústias em calmaria, com sorrisos e abraços.

À minha família: meus pais, que sempre me ensinaram valores importantes, para que eu pudesse caminhar até aqui; e aos meus irmãos, Elimário, Genivaldo e Solange, que mesmo distantes, sempre estiveram ao meu lado.

Aos meus amigos, que vibram com as minhas vitórias e estão sempre ao meu lado nos momentos de angústia.

Ao Mestrado Profissional em Letras, pela oportunidade concedida em realizar esse sonho. E, em especial, à III Turma do Profletras, minha turma. Uma das maiores alegrias desse mestrado foi conhecer e conviver com essa turma maravilhosa.

A todos os meus professores, por me auxiliarem nessa travessia, muitas vezes árdua, mas muito gratificante.

À equipe do Colégio Municipal Deputado Luís Eduardo Magalhães: gestores, professores e alunos, que acolheram e auxiliaram a construção da nossa pesquisa.

À minha orientadora, Valéria Viana Sousa, uma mulher maravilhosa. Além de uma excelente profissional, é um ser humano raro. Alguém que com toda delicadeza e sabedoria, ensinou-me muito, agradeço a você, Valéria, pelo incentivo, por me proporcionar o acesso ao conhecimento. Foi uma honra ser sua aluna e sua orientanda.

[...] não repreenda a língua...ela é um rio... que quando impedido de cursar seu leito, faz morrer tudo que está a sua volta....
(Karin Raphaella Silveira)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Livro Didático.....44

Figura 2 - Livro Didático.....45

Figura 3 - Livro Didático.....46

Figura 4 - Livro Didático.....46

Figura 5 - Livro Didático.....47

Figura 6 - Livro Didático.....48

Figura 7 - Livro Didático.....48

Figura 8 - Livro Didático.....49

Figura 9 - Livro Didático.....49

Figura 10 - Livro Didático.....50

Figura 11 – Entrevista com Professores de Língua Portuguesa.....72

Figura 12 – Pacotes de açúcar Nicola.....78

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Ocorrências das variantes na modalidade oral.....71

Gráfico 02: Ocorrências das variantes na modalidade escrita.....71

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Conjugação do verbo *educāre*.....30

Quadro 2: O Olhar da Tradição Gramatical.....38

Quadro 3: Perífrases verbais.....41

Quadro 4: O Olhar da Tradição Linguística.....43

Quadro 5: O Olhar do Livro Didático.....51

Quadro 6: Síntese do resultado das variáveis linguísticas.....69

Quadro 7: Síntese do resultado das variáveis extralinguísticas.....70

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Ocorrências totais das variantes de futuro, perifrástica e sintética, encontradas na modalidade oral.....59

Tabela 2: Pessoa verbal (ocorrências na modalidade oral) 60

Tabela 3: Paralelismo formal (ocorrências na modalidade oral) 62

Tabela 4: Ocorrências totais das variantes de futuro, perifrástica e sintética, encontradas na modalidade oral (sexo masculino/sexo feminino) 63

Tabela 5: Ocorrências totais das variantes de futuro, perifrástica e sintética, encontradas na modalidade oral (zona residencial) 64

Tabela 6: Ocorrências totais das variantes de futuro, perifrástica e sintética, encontradas na modalidade escrita 65

Tabela 7: Pessoa verbal (ocorrências na modalidade oral) 66

Tabela 8: Paralelismo formal (ocorrências na modalidade escrita) 67

Tabela 9: Ocorrências totais das variantes de futuro, perifrástica e sintética, encontradas na modalidade escrita (sexo masculino/sexo feminino) 67

Tabela 10: Ocorrências totais das variantes de futuro, perifrástica e sintética, encontradas na modalidade escrita (zona residencial) 68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....14

1 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....17

1.1 À luz da Sociolinguística.....18

1.2 À luz do Funcionalismo.....20

1.2.1 Gramaticalização.....22

1.3 À luz do Sociofuncionalismo.....24

2 OS CAMINHOS PERCORRIDOS PELA EXPRESSÃO DO FUTURO NA LÍNGUA PORTUGUESA.....28

2.1 Uma breve abordagem sobre a formação do futuro do presente da Língua Portuguesa: do Latim Clássico ao Português Brasileiro contemporâneo.....29

2.1.1 Tempo, modo e aspecto verbal.....31

3 O TEMPO VERBAL FUTURO DO PRESENTE: A PERÍFRASE COM O VERBO *IR* COMO AUXILIAR + INFINITIVO.....34

3. 1 O olhar da Tradição Gramatical.....34

3. 2 O olhar da Tradição Linguística.....39

3. 3 O olhar do Livro Didático.....43

3.4 Pesquisas contemporâneas.....51

4 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....55

4.1 A pesquisa e o método empregado.....55

4.2 Coleta dos dados na modalidade oral.....56

4.3 Coleta dos dados na modalidade escrita.....57

4.4 Entrevista com professores.....57

5 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....58

5.1 Resultados dos dados da modalidade oral.....58

5.2 Variáveis linguísticas.....59

5.2.1 Marca de futuridade fora do verbo.....59

5.2.2 Pessoa verbal.....60

5.2.3 Paralelismo formal.....61
5.3 Variáveis extralinguísticas.....63
5.3.1 Sexo.....63
5.3.2 Zona residencial.....64
5.4 Resultados dos dados da modalidade escrita.....65
5.5 Variáveis linguísticas.....65
5.5.1 Marca de futuridade fora do verbo.....65
5.5.2 Pessoa verbal.....66
5.5.3 Paralelismo formal.....66
5.6 Variáveis extralinguísticas.....67
5.6.1 Sexo.....67
5.6.2 Zona residencial.....68
5.7 Síntese dos dados.....69
5.8 Resultados da entrevista com os docentes.....72

6 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA.....75
6.1 Atividade aplicada na turma.....76
6.1.1 Algumas considerações sobre a atividade aplicada.....80

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....82
REFERÊNCIAS.....85
APÊNDICE A – Proposta de produção textual.....89
APÊNDICE B – Entrevista com discentes.....90
APÊNDICE C – Entrevista com docentes.....91
APÊNDICE D – Atividade escrita.....92

INTRODUÇÃO

Já é consenso entre os linguistas que a língua não é estática, ela é dinâmica, passa por constantes transformações a mercê de uma sociedade, da cultura e dos falantes. Os falantes de uma mesma língua não falam de maneira idêntica em todos os lugares e situações comunicativas, fazem suas escolhas linguísticas de acordo com o contexto sociocomunicativo, o que resulta no fenômeno conhecido como variação linguística. Observamos que, no contexto da Educação Básica, a concepção de língua e gramática que o professor tem, mesmo que de forma inconsciente, é transmitida ao aluno. Uma concepção de gramática, que reconhece apenas a gramática normativa como legítima e não concebe a língua como interação social, em seus usos concretos, pode colaborar com a disseminação do preconceito linguístico e com a noção de que ensinar língua materna restringe-se ao ensino de normas e regras prescritas por uma Tradição Gramatical.

Cabe ao professor, nesse contexto, reconhecendo a heterogeneidade linguística como uma característica inerente à língua, levar o aluno a refletir acerca da língua e perceber que não existe apenas uma variedade (melhor ou pior), mas sim variedades diferentes, que devem ser utilizadas de acordo com a situação comunicativa. As transformações da língua, assim, não devem ser vistas como “erros”, mas, sim, como variações que esboçam fenômenos que fazem parte do processo dinâmico da língua.

Como professores de Língua Portuguesa, temos observado, entre tantas variações presentes, nas falas e produções escritas dos nossos alunos, um fenômeno linguístico que está ocorrendo na realização do tempo verbal futuro do presente. A Tradição Gramatical prescreve que esse tempo verbal é realizado em sua forma sintética, mas à revelia dessa prescrição, os discentes estão realizando esse tempo verbal em sua forma perifrástica[1], utilizando o verbo IR como auxiliar + o infinitivo do verbo principal, algo que não é previsto pela gramática normativa.

---

[1] Considera-se que estamos em face de uma perífrase verbal sempre que do mesmo domínio predicativo participam um verbo auxiliar (também designado por «verbo morfemático») e uma forma nominal (infinitivo, gerúndio ou particípio passado) do verbo principal (também classificado como «verbo pleno»). De forma simplificada, a perífrase verbal é um processo que consiste em exprimir por muitas palavras o que se pode exprimir em poucas. Locução (em análise gramatical) é denominada um grupo de palavras que funciona como uma palavra só. Se atendermos às definições, poderemos concluir que uma locução verbal pode ser uma

Propomo-nos, então, diante dessa questão, a analisar uma amostragem das produções, orais e escritas, dos alunos do 9º ano B, Ensino Fundamental II, do Colégio Municipal Deputado Luís Eduardo Magalhães, no município de Piripá-BA. Para compor a pesquisa, também foram realizadas entrevistas com os professores de Língua Portuguesa do referido colégio, com o propósito de verificar como o assunto está sendo abordado em sala de aula por estes professores. O nosso objetivo foi investigar a realização do modo verbal futuro do presente nas produções orais e escritas desses alunos, discutindo a realização desse tempo verbal na Tradição Gramatical e na Tradição Linguística, em pesquisas linguísticas recentes, bem como investigando em seis livros didáticos, de editoras diferentes, como está ocorrendo a abordagem do fenômeno estudado. Diante desse fenômeno linguístico, elencamos as seguintes hipóteses:

1. A forma perifrástica do tempo verbal futuro do presente, com o verbo IR como auxiliar, ocorre nas duas modalidades (oral e escrita). No entanto, aparece com maior frequência na modalidade oral.
2. O fenômeno da futuridade na forma perifrástica com o verbo IR não é abordado pelos professores de Língua Portuguesa, ao trabalharem os tempos verbais em sala de aula.
3. Os compêndios gramaticais e livros didáticos não trazem a abordagem do fenômeno estudado, como forma de orientar o trabalho docente.

As hipóteses aqui elencadas serão validadas ou não, ao longo deste trabalho, que é composto por seis seções. Na primeira seção, intitulada *Variação e Mudança Linguística: pressupostos teóricos,* tratamos da variação e mudança, à luz da Sociolinguística, destacando a gramaticalização; à luz do Funcionalismo; e à luz do Sociofuncionalismo.

Na seção 2, *Os Caminhos Percorridos pela Expressão do Futuro na Língua Portuguesa,* trazemos uma breve abordagem sobre a formação do futuro do presente

---

perífrase verbal e vice-versa. Muitas vezes, trata-se de uma questão convencional ou de opção terminológica. É importante ressaltar que neste trabalho ora aparece a expressão “forma perifrástica”, ora aparece a expressão “locução verbal”, já que os autores abordados nesta pesquisa não deixam claro a distinção entre locução verbal e perífrase verbal. No entanto, observamos que a Tradição Gramatical utiliza, a rigor, a nomenclatura “locução verbal”, assim como os livros didáticos analisados. Já alguns autores da Tradição Linguística e Pesquisas Contemporâneas, fazem a opção pela expressão “perífrase verbal ou forma perifrástica”. Em nosso trabalho, optamos por utilizar a nomenclatura utilizada nas pesquisas contemporâneas.

da Língua Portuguesa, do Latim Clássico ao Português brasileiro contemporâneo, enfocando tempo, modo e aspecto verbal.

Na seção 3, *O Tempo Verbal Futuro do Presente: a perífrase com o verbo IR como auxiliar + infinitivo,* apresentamos o olhar da Tradição Gramatical, o olhar da Tradição Linguística, o olhar do Livro didático e, ainda, uma abordagem de pesquisas linguísticas contemporâneas.

Na seção 4, abordamos *Os pressupostos metodológicos*, apresentando a coleta de dados na modalidade oral e escrita da língua, bem como a entrevista realizada com os docentes, o que foi complementado na seção 5, com a *Discussão e análise dos dados*, evidenciando os resultados dos dados coletados.

Para finalizar o nosso trabalho, na seção 6, apresentamos a *Proposta de intervenção didático-pedagógica,* através uma atividade realizada na turma em pauta.

Na literatura linguística já existem alguns trabalhos voltados para esse fenômeno, a saber (GIBBON, 2000; OLIVEIRA, 2006; BRAGANÇA, 2008; FIGUEREDO, 2015; SILVA, 2016; entre outros). No entanto, é preciso ampliar os estudos voltados para o contexto da Educação Básica. A nossa análise se deu no contexto da escola pública, levando em conta a atuação do professor. Essa é mais uma discussão sobre o assunto, abordando a Tradição Gramatical, a Tradição Linguística e pesquisas, envolvendo discentes, docentes e o livro didático. Além de trabalhar com produções orais e escritas, selecionamos as variáveis linguísticas *marca de futuridade fora do verbo, pessoa verbal* e *paralelismo formal*; e as variáveis extralinguísticas *sexo* e *zona residencial.* Ao término da pesquisa, produzimos um material didático-pedagógico para auxiliar o professor no trabalho com esse tempo verbal.

Diante do trabalho de pesquisa e análise realizados, esperamos contribuir para um ensino que, ao lado dos ensinamentos da Tradição Gramatical, leve em conta a língua em funcionamento, tal como são realizados os estudos nas abordagens linguísticas sociofuncionalistas.

Por fim, informamos que a pesquisa que gerou a dissertação **“GRAMATICALIZAÇÃO E VARIAÇÃO NA ESCOLA: A REALIZAÇÃO DO TEMPO VERBAL FUTURO DO PRESENTE NAS MODALIDADES ORAL E ESCRITA DA LÍNGUA PORTUGUESA”** foi aprovada, no Comitê de Ética na Pesquisa, com o CAAE 70100417.0.0000.5578.

1 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O interesse pelos fenômenos da linguagem passa por um longo percurso. Antes mesmo do período da antiguidade clássica povos como os egípcios, sumérios, acádios, chineses, hindus e hebreus já pensavam a linguagem. Como coloca Kristeva (1969):

> [...] cada época ou cada civilização, em conformidade com o conjunto do seu saber, das suas crenças, da sua ideologia, responde de modo diferente e vê a linguagem em função dos moldes que a constituem e a si própria. (KRISTEVA, 1969, p. 15).

Para se chegar às modernas descobertas, que permitiram à linguística se constituir enquanto ciência, a linguagem passou por diversas abordagens e concepções, todas de fundamental importância para composição das pesquisas atuais. Concordamos com Weedwood (2004), quando a autora coloca que cada abordagem precisa das outras abordagens, uma vez que são complementares e não concorrentes.

Não é o objetivo desse trabalho discorrer acerca das reflexões linguísticas de cada período, no entanto, é preciso estarmos situados no tempo para melhor compreendermos os estudos atuais. Com esse propósito de contextualização, na Tradição Ocidental, segundo Weedwood (2004), Platão foi o primeiro pensador europeu a refletir sobre os problemas fundamentais da linguagem. Os romanos tiveram como base os gregos, “enquanto os pensadores medievais estudaram, digeriram e transformaram a versão romana da tradição linguística antiga” (WEEDWOOD, 2004, p. 23). Na linguística do século XIX, houve o desenvolvimento do método comparativo, através da comparação buscavam a reconstrução da *língua-mãe* (protolíngua). Segundo Hora (2004), o ideal da universalidade cede lugar à compreensão de que as línguas sofrem mudanças com o tempo, de forma regular e sistemática. A linguística do século XX é identificada com a publicação da obra *O Curso de Linguística Geral* de Saussure, em 1916. Para Saussure, a língua é social em sua essência e independente do indivíduo, já a fala é a outra parte da linguagem, na qual, segundo o autor, nada existe de coletivo, pois suas manifestações são individuais e momentâneas, concluindo que a língua é a parte essencial no estudo da linguagem. De acordo com Kenedy e Martelotta (2003):

> Essa estratégia teórica retirou do âmbito dos estudos linguísticos o interesse por possíveis influências sofridas pela estrutura gramatical das línguas, provenientes de aspectos pragmático-discursivos. (KENEDY E MARTELOTTA, 2003, p. 11)

Na concepção de Saussure, a linguagem tem um lado individual (fala ou *parole*) e um lado social (língua ou *langue*), ele elege a língua como objeto de suas investigações, já que a língua é de natureza puramente psíquica, portanto, o indivíduo não pode criá-la, nem modificá-la. A língua é vista como homogênea, enquanto a fala é a realização concreta da língua, sendo circunstancial e variável. Saussure também desenvolveu a dicotomia *sincronia/diacronia*, dando preferência ao estudo da língua sob o aspecto sincrônico. A partir daí, vários estudos foram realizados com base na linguística estrutural na Europa e nos Estados Unidos. Também, no século XX, na década de 50, Noam Chomsky desenvolveu o conceito de uma gramática gerativo-transformacional, suscitando diversas reações às suas ideias. Ele estabeleceu a distinção entre *competência* (conhecimento disponível em cada falante) e *desempenho* (seleção e execução das regras advindas desse conhecimento). Como coloca Hora (2004):

> O escopo da gramática gerativa é descrever a competência de um falante-ouvinte ideal, pertencente a uma comunidade linguisticamente homogênea, e que conhece sua língua perfeitamente (HORA, 2004, p. 17).

Ainda neste período, apareceu a visão funcionalista da linguagem. Se até a metade do século XX, havia uma concepção hegemônica de língua como homogênea e uma prioridade desse elemento em relação à fala, na década de 60, essas perspectivas são repensadas. A partir, de então, a variação e a mudança linguística tornam-se o foco e a língua passa a ser considerada como heterogênea em algumas correntes linguísticas.

Nas três subseções que seguem, vamos abordar a variação e a mudança linguística à luz da Sociolinguística, do Funcionalismo e do Sociofuncionalismo, ressaltando que a base principal da nossa pesquisa se pauta nesta última teoria.

1.1 À LUZ DA SOCIOLINGUÍSTICA

Se na perspectiva saussuriana, a linguagem é vista como homogênea e autônoma, e a análise linguística restringe-se às dependências internas da língua, discordando dessa vertente, a Sociolinguística traz a heterogeneidade como foco,

compreendendo que todas as línguas são dinâmicas, e, assim, estão em constante transformação e que os falantes são oriundos de uma sociedade plural e estratificada.

Para a linha de pesquisa adotada nesta dissertação, é necessário que se compreenda alguns pressupostos conceituais. Inicialmente, cabe ressaltar que a Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística que, segundo Mollica (2004), "estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais" (MOLLICA, 2004, p. 09). Para Labov (2008), a Sociolinguística não pode ser algo separado da linguística, uma vez que a língua é um comportamento social. Nesse sentido, o autor afirma "POR VÁRIOS ANOS, resisti ao termo *sociolinguística,* já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social." (LABOV, 2008, p. 13, grifo do autor). Segundo o teórico, os seres humanos comunicam suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros através da língua, em um contexto social. Assim, os aspectos linguísticos são importantes, mas correlacionados aos aspectos sociais, o que torna as línguas dinâmicas. Uma vez que a sociedade não é estática, e a comunicação ocorre em um contexto social, as línguas não permanecem imutáveis.

Com essa compreensão, é, em especial, o fenômeno da variação o objeto de estudo da Sociolinguística, já que, para essa teoria, a variação é possível de ser descrita e analisada cientificamente.

Outro aspecto fundamental é compreender a diferença entre variação e mudança linguística. Ao longo do tempo as línguas sofrem transformações, ou seja, as línguas mudam, enquanto, no fenômeno da variação, as variantes se encontram em competição. Portanto, cabe ao linguista, através da pesquisa e análise dos dados, investigar, sobretudo por meio da variável faixa etária, se as variantes estão em variação estável[2], em mudança em curso[3], ou em mudança efetiva[4]. Dito isso, é importante compreender os conceitos de variantes e variáveis. Segundo Mollica (2004), as variantes são as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente, já que o emprego das

[2] Segundo Araújo e Lucchesi (2004), o quadro de variação tende a se manter por um longo período, uma vez que não se verifica uma predominância de uma variante linguística sobre a outra.
[3] O processo de variação segue para uma resolução, em favor de uma das variantes.
[4] Uma variante suplanta a outra. A forma suplantada cai em desuso e o uso da forma inovadora se torna categórico.

variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural. As variantes podem sofrer mudanças ou permanecer estáveis, como coloca Mollica (2004):

> As variantes podem permanecer estáveis nos sistemas (as mesmas formas continuam se alternando) durante um período ou até por séculos, ou podem sofrer mudança, quando uma das formas desaparece. (MOLLICA, 2004, p.11).

Assim, cabe à Sociolinguística investigar se está ocorrendo variação ou mudança linguística, e se o fenômeno estudado está sendo influenciado por variáveis internas, como fatores de natureza lexical, fono-morfo-sintáticos e/ou semânticos discursivos; ou variáveis externas à língua, que podem ser contextuais, sociais, ou fatores intrínsecos ao indivíduo, como sexo, faixa etária, grau de escolaridade.

Para os sociolinguistas, mesmo as línguas apresentando variedades mais prestigiadas e menos prestigiadas, todas as manifestações linguísticas, realizadas por falantes em sua língua materna, são legítimas e previsíveis dentro do sistema linguístico. Nesse sentido, no espaço escolar, é preciso rever nossas práticas pedagógicas, que, muitas vezes, levam ao preconceito linguístico, focando apenas em atividades prescritivas, e deixando de realizar, de fato, um estudo reflexivo acerca da língua em seus usos concretos.

Para adentrar um estudo que leve em conta a língua em funcionamento, abordaremos a seguir a variação e a mudança linguística à luz do funcionalismo.

1.2 À LUZ DO FUNCIONALISMO

Conforme já dito anteriormente, o surgimento da linguística moderna é geralmente associado à publicação do *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, em 1916. Saussure trouxe a noção de sistema, que, posteriormente, foi substituída por estrutura. Nesse período, a análise linguística estava focada nos elementos internos da língua, em sua estrutura.

Segundo Kenedy e Martelotta (2015), o chamado estruturalismo linguístico não foi um movimento unificado, pois apresentou aspectos diferentes, de acordo com diferentes autores. Podemos destacar o *polo formalista* e o *polo funcionalista.* Na visão do polo formalista, a forma linguística é ressaltada, ficando a função em um segundo plano. Dessa forma, a língua é analisada como um objeto autônomo, e sua estrutura não dependem de seu uso em situações reais de comunicação. Já o polo

funcionalista ressalta o papel predominante da função que a forma linguística desempenha no ato comunicativo. Para o polo funcionalista, a língua é maleável e sua estrutura gramatical é determinada por pressões relacionadas às diferentes situações comunicativas. Portanto, a língua é um instrumento de comunicação que não pode ser analisada como um objeto autônomo.

Ainda segundo Kenedy e Martelotta (2015), essa visão teve sua primeira expressão nos trabalhos do Círculo Linguístico de Praga, movimento estruturalista, a partir de 1928. No entanto, o Círculo Praguense diferiu de outras escolas estruturalistas da Europa, já que aparecem estudos linguísticos relacionados à função, o que não pode ser atribuído a Saussure.

Apesar de a linguística norte-americana ter sido dominada por uma tendência formalista, cabe ressaltar que também houve uma inclinação para o polo funcionalista:

> O termo *funcionalismo* ganhou força nos Estados Unidos a partir da década de 1970, passando a servir de rótulo para o trabalho de linguistas como Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón, que passaram a advogar uma linguística baseada no uso, cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. (KENEDY E MARTELOTTA, 2015, p.16)

Para compreender o funcionalismo linguístico é interessante as premissas trazidas por Givón (1995, apud KENEDY E MARTELOTTA, 2015, p.20): 1. a linguagem é uma atividade sociocultural; 2. a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas; 3. a estrutura é não arbitrária, motivada, icônica; 4. mudança e variação estão sempre presentes; 5. o sentido é contextualmente dependente e não atômico; 6. as categorias não são discretas; 7. a estrutura é maleável e não rígida; 8. as gramáticas são emergentes; 9. as regras de gramática permitem algumas exceções. Assim, na concepção de Givón (1995), a língua é vista como um fenômeno social e maleável que sofre pressões constantes de uso, e, assim, as formas linguísticas se acomodam às necessidades comunicativas do falante, e estão susceptíveis a constantes mudanças e variação. As variações e mudanças linguísticas, por seu turno, são motivadas por fatores linguísticos e extralinguísticos. O sentido é construído dentro de um contexto e as categorias são contínuas, as regras de gramática não são rígidas, o que permite com que novas funções surjam para formas existentes e novas formas emerjam, competindo com outras formas e desempenhando semelhante função.

Segundo o que postula o Funcionalismo Linguístico, a língua tem funções cognitivas e sociais. Nesse sentido, é importante analisar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e seus usos em diferentes contextos comunicativos. Esta análise deve ocorrer com dados reais de fala ou escrita e não com frases criadas, já que serão observadas as funções desempenhadas pelos elementos linguísticos em seus usos concretos. Ao abordar as funções desempenhadas pelos elementos linguísticos, cabe ressaltar a importância da compreensão dos processos de *gramaticalização,* que serão abordados no tópico seguinte.

1.2.1 GRAMATICALIZAÇÃO

Os estudos linguísticos mostram que a reflexão acerca da origem e do desenvolvimento das categorias gramaticais não é recente. De acordo com Cunha, Costa e Cezario (2015), na Linguística Funcional, a gramaticalização e a discursivização são fenômenos associados aos processos de regularização do uso da língua, ou seja, estão relacionados à variação e mudança linguística. Podemos afirmar, de um modo geral, que a gramaticalização ocorre quando um item lexical assume, em alguns contextos, uma função gramatical ou quando um item gramatical se torna ainda mais gramatical. Assim, essa trajetória pode ter início com um elemento já gramatical, e não, necessariamente, iniciar por um elemento lexical.

Segundo Cunha, Costa e Cezario (2015), o processo de gramaticalização privilegia a trajetória dos elementos linguísticos do léxico à gramática e a trajetória de categorias menos gramaticais para categorias mais gramaticais. No primeiro caso, vejamos o exemplo do fenômeno analisado neste trabalho: a passagem do verbo *ir* na condição de verbo pleno, como em “Vou à biblioteca”, para verbo auxiliar, sendo utilizado em uma construção perifrástica composta pelo verbo *ir* como auxiliar + verbo principal no infinitivo, como em “Vou almoçar”. No segundo caso, categorias invariáveis podem se tornar flexionais, como em “menos > menas”, exemplo trazido por Cunha, Costa e Cezario (2015). Segundo os autores, todo esse processo começa sem regularidade, mas se regulariza com o uso, com a repetição, há uma pressão que pode converter o uso frequente em norma, ocorrendo, então, o processo de *gramaticalização.* Os autores elencam dois sentidos para o termo gramaticalização:

> O termo *gramaticalização,* portanto, é tomado em dois sentidos relacionados: a gramaticalização *stricto sensu* se ocupa da mudança que atinge as formas que migram do léxico para a gramática; a gramaticalização *lato sensu* busca explicar as mudanças que se dão

> no interior da própria gramática, compreendendo aí os processos sintáticos e/ou discursivos de fixação da ordem vocabular. (CUNHA, COSTA e CEZARIO, 2015, p. 43).

Para exemplificar a gramaticalização *stricto sensu,* Cunha, Costa e Cezario (2015) trazem a pesquisa de Silva (2000)[5], sobre a trajetória de mudança do verbo *ir*, que além da função de verbo pleno, exerce a função de verbo auxiliar, em que o verbo *ir* pode significar deslocamento espacial ou deslocamento temporal. Como exemplo da gramaticalização *lato sensu*, os autores trazem a pesquisa de Oliveira (2000)[6], que investiga o deslizamento de sentido do item *onde.* Nesse caso, a mudança ocorre dentro da própria gramática. O item passa de pronome relativo, com sentido de espaço físico, para designar espaço de tempo, e evolui até a categoria de marcador discursivo.

Segundo Cunha, Costa e Cezario (2015), o desenvolvimento de novas estruturas gramaticais é motivado, tanto por necessidades comunicativas não satisfeitas, como pela ausência de designações linguísticas para determinados conteúdos cognitivos. Para os autores, a gramaticalização é interpretada como um processo diacrônico e um contínuo sincrônico que atinge tanto as formas que vão do léxico para a gramática como as formas que mudam no interior da gramática.

Givón (1979b) postula o caráter cíclico da evolução linguística, formulando um esquema para representar os processos diacrônicos de regularização do uso da língua, desde o ponto mais imprevisível até a fase terminal:

Discurso > sintaxe > morfologia > morfofonologia > zero

Nessa perspectiva, de uma trajetória unidirecional de gramaticalização, mesmo que de forma ainda não totalmente fixada, alguns itens lexicais passam a ser utilizados em contextos nos quais desempenham certa função gramatical. À medida que o uso vai se tornando mais previsível e regular, devido à repetição, resulta em uma nova construção sintática, que pode se tornar ainda mais dependente. O uso frequente também poderá causar um desgaste formal e funcional, o que leva ao seu desaparecimento, iniciando um novo ciclo. É importante ressaltar, como coloca Cunha, Costa e Cezario (2015), a proposta de alguns teóricos funcionalistas, para os quais, semanticamente, a trajetória de gramaticalização se manifesta na passagem

---

[5] SILVA, M. A. (2000). *O processo de gramaticalização do verbo ir.* Dissertação de Mestrado. Natal: UFRN.

[6] OLIVEIRA L. de A. B. (2000). A trajetória de gramaticalização do *onde.* In: FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). *Procedimentos discursivos na fala de Natal. Uma abordagem funcionalista.* Natal: EDUFRN.

do concreto para o abstrato, conforme o seguinte esquema: *espaço* > *(tempo)* > *texto.* Essa proposta pode ser ilustrada com o fenômeno analisado neste trabalho. Vejamos:

1. Quando ele *vai* à biblioteca, ele fica feliz.
2. Amanhã *vai* ser um novo dia.

Podemos observar que no exemplo (1), o verbo *ir* é usado como verbo principal, um verbo pleno, com o sentido de movimento. Já no exemplo (2), é utilizado como um marcador de tempo futuro, como verbo auxiliar. Tendo em vista que o sentido primário do verbo *ir* é de movimento, há uma evolução do sentido mais concreto para o mais abstrato "*espaço* > *tempo".*

Na próxima subseção vamos caminhar até o Sociofuncionalismo, corrente teórica que dará conta de analisar o fenômeno estudado neste trabalho, com base na Sociolinguística ancorada ao Funcionalismo.

1.3 À LUZ DO SOCIOFUNCIONALISMO

A linguagem é um comportamento social e, como afirma Camacho (2012), é impossível separá-la de suas funções sociointeracionais. É no contexto das relações sociais que ocorrem as variedades linguísticas. Nesse sentido, para dar conta de um estudo que envolve a variação e o contexto social, há a pretensão de se trabalhar com a Sociolinguística, ancorada ao Funcionalismo. Tendo em vista que a Sociolinguística adota a variação como objeto de estudo e que a variabilidade está intrínseca à língua, e, ainda, que o interesse desse estudo se pauta na língua em funcionamento. É importante ressaltar, como coloca Camara Jr. (2011), que a gramática normativa tem o seu lugar, assim como a descritiva, mas "é um erro profundamente perturbador misturar as duas disciplinas e, pior ainda, fazer linguística sincrônica com preocupações normativas" (CAMARA JR., 2011, p.15). Assim, a preocupação do nosso estudo não é normatizar ou estigmatizar, mas investigar o que está de fato ocorrendo na língua, em seu uso concreto, e dar um suporte teórico para que o professor possa trabalhar com o fenômeno estudado, sem se pautar apenas na gramática normativa.

Acreditamos que o Sociofuncionalismo forneça um suporte teórico adequado para a análise aqui realizada, já que essa corrente se dedica à investigação de fenômenos de variação e de mudança linguística, articulando pressupostos teórico-

metodológicos da sociolinguística variacionista e do funcionalismo linguístico norte-americano.

Recentemente, em algumas universidades brasileiras, estão sendo desenvolvidas pesquisas linguísticas baseadas no uso e nos pressupostos sociofuncionalistas, a exemplo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Essas tendências de uso (variável) são vistas como reflexos da organização do processo comunicativo. É possível observar diversas semelhanças entre postulados teórico-metodológicos da sociolinguística e da linguística baseada no uso (funcionalismo).

Tavares (2013) lista alguns desses postulados[7] defendidos tanto por teóricos variacionistas quanto por teóricos funcionalistas que são importantes à discussão do nosso objeto:

> • Prioridade atribuída à língua em uso, cuja natureza heterogênea abriga a variação e a mudança (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; GIVÓN,1995; entre outros);
> • A língua não é estática. Ao contrário, sofre alterações constantes (cf. GUY, 1995; GIVÓN, 1995, 2001; HOPPER, 1987);
> • O fenômeno da mudança linguística recebe um lugar de destaque, e é entendido como um processo contínuo e gradual (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; GIVÓN, 1995, 2001; HOPPER; TRAUGOTT, 2003);
> • Dados sincrônicos e diacrônicos são tomados complementarmente com o intuito de obtenção de prognósticos de mudança mais refinados e confiáveis (cf. LABOV, 1994; HEINE; CLAUDI; HUNNEMEYER, 1991);
> • Crença no princípio do uniformitarismo, segundo o qual as forças linguísticas e sociais que agem hoje sobre a variação e a mudança são em princípio as mesmas que atuaram em épocas passadas (cf. LABOV, 2008 [1972a]; HOPPER; TRAUGOTT, 2003);
> • A frequência das ocorrências recebe destaque. Na perspectiva funcionalista, a frequência é fundamental para o estabelecimento e a manutenção da gramática, e, além disso, a difusão linguística e social da mudança pode ser captada através do aumento da frequência de uso em diferentes contextos (BYBEE, 2010). Na perspectiva variacionista, o aumento de frequência é compreendido como índice de difusão sociolinguística (LABOV, 2008[1972a]), além do que as variantes devem ter certa recorrência para que possam ser comparadas por meio de instrumental estatístico.
> • Há relação entre os fenômenos linguísticos e a sociedade que usa a língua. A mudança se espalha de forma gradual ao longo do espectro

[7] A autora ainda coloca em nota que para cada pressuposto, foi citado apenas um ou dois autores representativos de cada uma das teorias, e que há uma lista mais completa de postulados da sociolinguística e do funcionalismo que apresentam similaridades em Tavares (2003, 2013a) e Tavares e Görski (2013).

> social, considerando-se fatores como região, geração, classe social etc. É comum haver diferença entre falantes mais velhos e mais jovens, no caso de mudança em progresso. (cf. LABOV, 2008 [1972a]; LICHTENBERK, 1991);
>
> • Fatores de natureza interacional têm papel importante na variação e na mudança linguística. No âmbito da sociolinguística, Labov (2008 [1972a]) compreende a variação estilística como uma adaptação da linguagem do falante ao contexto imediato do ato de fala. E no âmbito do funcionalismo, Traugott (2002) não só defende que a mudança é motivada por práticas discursivas e sociais, como acredita que os estudos funcionalistas de gramaticalização orientados para o falante podem contribuir para o estudo sociolinguístico da variação intrafalante.
>
> • A gramaticalização, processo de mudança responsável pela migração de formas linguísticas para a gramática, vem recebendo grande destaque nos estudos funcionalistas (cf. HARDER, BOYE, 2011). Para o funcionalismo, vários casos de variação e mudança morfossintática podem ser explicados através desse processo (BYBEE, 2010; NEVALAINEN; PALANDER-COLLIN, 2011). No âmbito da sociolinguística, Labov (2010) também aponta a gramaticalização como uma possível fonte de explicação para a mudança morfossintática, e cita autores funcionalistas que vêm trabalhando nessa perspectiva, como Heine e Kuteva (2005), Hopper e Traugott (2003) e Haspelmath (2004).
>
> (TAVARES, 2013, p. 33)

O propósito de elencar os postulados, com seus respectivos teóricos, listados por Tavares (2013) é justamente mostrar as semelhanças entre os princípios da Sociolinguística e do Funcionalismo. Muitos dos pressupostos descritos acima estão em sintonia com este trabalho. Os nossos *corpora* são compostos por produções textuais de alunos, na modalidade escrita e por entrevistas, na modalidade oral, priorizando, dessa forma, a língua em uso. Ao eleger *"A realização do tempo verbal futuro do presente, em sua forma perifrástica, com o verbo IR como auxiliar + infinitivo do verbo principal"* como objeto de estudo, também estamos dando destaque à variação e a mudança linguística, entendendo esse processo como contínuo e gradual. Ainda em consonância com os postulados expostos, trabalhamos com a frequência das ocorrências, analisando o uso recorrente das variantes e comparando por meio de instrumental estatístico. Conforme exposto na subseção anterior, o verbo *ir* pode ser usado como verbo principal, um verbo pleno, com o sentido de movimento; bem como um marcador de tempo futuro, como verbo auxiliar, assim, também abordamos a gramaticalização, processo de mudança responsável pela migração de formas linguísticas para a gramática.

Diante dos postulados listados por Tavares (2013), lançar mão do Sociofuncionalismo é uma estratégia interessante para a realização de estudos pautados na variação e mudança linguística a que nos propomos a realizar.

Após uma sucinta apresentação da Variação e Mudança Linguística, com base nas teorias Sociolinguística, Funcionalismo e Sociofuncionalismo, entendemos que o Sociofuncionalismo contempla, de forma mais ampla, o fenômeno linguístico analisado neste trabalho.

Na seção seguinte, abordaremos *Os Caminhos Percorridos pela Expressão do Futuro na Língua Portuguesa*, para compreendermos um pouco mais acerca do fenômeno estudado.

2 OS CAMINHOS PERCORRIDOS PELA EXPRESSÃO DO FUTURO NA LÍNGUA PORTUGUESA

Para melhor compreender o desenvolvimento das formas de futuro, no atual Português Brasileiro, apresentamos a seção *Os caminhos percorridos pela expressão do futuro na Língua Portuguesa*. Nesta seção, faremos uma breve abordagem desde o Latim Clássico até o Português Brasileiro contemporâneo sobre o fenômeno em estudo.

É importante ressaltar que, há diversas ocorrências que expressam futuridade, na Língua Portuguesa, conforme elencamos a seguir. No entanto, neste trabalho, investigamos apenas a perífrase com o verbo *ir* no presente, mais infinitivo do verbo principal, em substituição ao futuro do presente sintético.

Ocorrências que expressam futuridade na Língua Portuguesa:

I – Futuro do presente: *No próximo ano, mudarei de cidade.*

II – Futuro do pretérito: *Se eu pudesse, mudaria de cidade.*

III – Perífrase com o verbo *ir* no presente: *No próximo ano, vou mudar de cidade.*

IV – Perífrase com o verbo *ir* no futuro do presente: *No próximo ano, irei mudar de cidade.*

V – Perífrase com o verbo *ir* no futuro do pretérito*: Se eu pudesse, iria mudar de cidade.*

VI – Perífrase com o verbo *ir* no pretérito imperfeito: *Se eu pudesse, eu ia mudar de cidade.*

VII – Presente: *No próximo ano, mudo de cidade.*

VIII – Pretérito imperfeito: *Se eu pudesse, eu mudava de cidade.*

Dessa forma, optamos, em nossa pesquisa, por investigar o futuro do presente em sua forma perifrástica, com o verbo *ir* no presente, mais infinitivo do verbo principal, conforme a ocorrência III presente no exemplo acima. Essa pesquisa compara a frequência de ocorrências na forma perifrástica (vou mudar) com a frequência de ocorrências na forma sintética (mudarei). Nossa escolha se pautou na observação do

uso dessas formas pelos nossos alunos, que estão deixando de utilizar a forma sintética e utilizando cada vez mais essa forma perifrástica. Foi necessário fazer um recorte, uma vez que para analisar todas as ocorrências que expressam futuridade, na Língua Portuguesa, demandaria um estudo muito amplo.

2.1 UMA BREVE ABORDAGEM SOBRE A FORMAÇÃO DO FUTURO DO PRESENTE DA LÍNGUA PORTUGUESA: DO LATIM CLÁSSICO AO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

A Língua Portuguesa, assim como as demais línguas românicas, originou-se do Latim. Sendo a heterogeneidade inerente às línguas humanas, o Latim apresentava duas variantes: *o Latim Clássico*[8], utilizado pelas pessoas cultas, com uma estrutura gramatical rígida e o *Latim Vulgar*[9]*,* a língua do cotidiano, considerada a língua da plebe.

Segundo Nunes (2003), o futuro do presente, durante o processo evolutivo da língua latina à Língua Portuguesa, passou por um conflito entre a forma sintética do Latim Clássico em *-bo* ou em *-am*, e a analítica do Latim Vulgar, formada pelo infinitivo do verbo principal e o indicativo do verbo *habere.* As diversas modificações morfológicas e o processo de gramaticalização do *habeo* transformaram a forma analítica na forma padrão sintética do português moderno, em *-ei* (estudar*ei*). No Português atual, a forma perifrástica, com o verbo *ir* mais infinitivo do verbo principal (*vou estudar*), concorre com a forma sintética. A autora mostra a evolução cíclica da expressão do futuro do Latim ao Português, conforme o esquema que segue:

amabo ~ ***amare habeo*** *> amar' aio > amar hei > amarei > ...~ vou amar*

Observamos que, no Latim, havia uma forma sintética, que foi substituída por uma forma analítica. Através de um processo de gramaticalização, o verbo auxiliar *habeo* transformou-se em desinência e a forma analítica tornou-se sintética novamente. Na perspectiva de uma evolução cíclica da expressão do futuro, mais uma vez a forma analítica retorna à língua. Conforme Nunes (2003):

> a forma consagrada (sintética) de futuro, resultante da evolução desse tempo latino, passa por um declínio e, ao mesmo tempo, surge uma

[8] Também denominado de *sermo urbanus.*
[9] *Sermo vulgaris*.

> nova forma de futuro constituída pelo “presente do indicativo do verbo IR + infinitivo”, que está em plena ascensão. Essas duas formas coexistem hoje, na fala dos brasileiros, assim como no passado coexistiram no latim a forma sintética de prestígio de desinência em ***–bo*** ou em ***–am*** e a perífrase do latim vulgar “infinitivo + habeo”. (NUNES, 2003, p. 18)

A autora observa que ambas as formas sintéticas de futuro, tanto no Latim como no Português, foram substituídas por locuções verbais com estruturas semelhantes.

Nunes (2003) explica todo esse processo de variação e mudança na forma do futuro desde o Latim Clássico até o Português atual. Segundo a autora, no Latim Clássico havia quatro conjugações em *-āre*, *-ēre*, *-ĕre* e *-īre*, que, muitas vezes, eram confundidas na língua popular. Após o enfraquecimento do acento de quantidade, os verbos das segundas e terceiras declinações passaram a ser confundidos no Latim Vulgar. Nesse processo, alguns verbos da segunda conjugação passaram para primeira ou para terceira conjugação. Essa confusão também ocorria no Latim Clássico, segundo a autora. Essa reestruturação verbal resultou na redução das conjugações, de quatro no Latim Clássico, para três no Latim Vulgar. No exemplo trazido por Nunes (2003), fica evidente a semelhança entre o futuro do presente do indicativo e o pretérito perfeito do indicativo. Vejamos:

Quadro 1: Conjugação do verbo *educāre*

PRETÉRITO PERFEITO	FUTURO DO PRESENTE
Educavi	*Educabo*
Educavisti	*Educabis*
*Educa**vit***	*Educa**bit***
*Educa**vimus***	*Educa**bimus***
Educavistis	*Educabitis*
Educaverunt	*Educabunt*

Fonte: NUNES, 2003, p. 8

Observamos, no quadro 1, que, as formas *Educa**vit**/Educa**bit*** e *Educa**vimus**/Educa**bimus*** apresentavam uma semelhança fonética frequentemente motivada pelos fonemas /b/ e /v/. Essa semelhança fonética causava dúvidas, incitando os falantes, segundo Nunes (2003), a buscarem outra forma de realização do futuro do presente, ocasionando o uso da forma perifrástica, formada pelo infinitivo do verbo + presente do indicativo de *habere*.

Seguindo a abordagem de uma evolução cíclica da expressão do futuro, esse processo evolutivo continuou, alcançando a Península Ibérica, através do processo de Romanização. Ainda de acordo com Nunes (2003):

> No período arcaico da língua portuguesa, o verbo auxiliar apresentou uma forma sincopada, evoluída do verbo auxiliar (*habeo* > *hei*), que constituiu uma nova expressão de futuro "*estudar hei*". Não tardou para que o verbo "hei" se tornasse uma desinência verbal para o verbo no infinitivo (*estudar**ei***), completando assim o processo de gramaticalização. (NUNES, 2003, p. 89).

Compreendemos, assim, que, a forma sintética do futuro do presente, no Português Brasileiro, originou-se da aglutinação do auxiliar *habere* com um verbo no infinitivo. Assim como as duas formas, sintética e perifrástica, possivelmente conviveram durante um longo período no Latim, até que uma suplantasse a outra, as pesquisas contemporâneas evidenciam o uso cada vez mais frequente da forma perifrástica na expressão do futuro, o que mostra que mais uma vez está ocorrendo a convivência entre as duas formas. Cabe ressaltar que, de acordo com os estudos recentes, a perífrase de futuro, na oralidade, está suplantando a forma sintética. Segundo Nunes (2003) mais uma vez, os falantes recorrem à mesma fórmula do passado, o que evidencia o caráter cíclico na evolução do futuro do presente.

O propósito dessa seção não é realizar um estudo aprofundado acerca da evolução do futuro do presente, mas realizar uma breve abordagem, na qual fique evidenciado o caráter dinâmico da língua, posto que as formas verbais indicativas de futuro sempre apresentaram e continuam apresentando variação. Para um estudo mais detalhado, Nunes (2003)[10] traz uma abordagem da evolução cíclica do futuro do presente, do Latim ao Português.

Seguimos com algumas considerações sobre tempo, modo e aspecto verbal, já que estamos trabalhando com a categoria *verbo*.

2.1.1 TEMPO, MODO E ASPECTO VERBAL

As noções de tempo, modo e aspecto verbal são importantes no estudo da categoria *verbo*, mas não tão simples como na maioria das vezes são apresentadas na Gramática Normativa. Cabe ressaltar ainda que o aspecto verbal sequer é

---

[10] NUNES, Rosane. **Evolução Cíclica do Futuro do Presente: do latim ao português.** 100f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Católica de Pelotas. Rio Grande do Sul, 2003.

sistematizado, a rigor, na Tradição Gramatical. Faremos, aqui, apenas uma breve abordagem conceitual com o propósito de nos situarmos em relação a essa categoria.

Segundo Cunha (1994), “tempo é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo” (CUNHA, 1994, p. 368). O autor divide o tempo em presente, pretérito e futuro, que designam, respectivamente, um fato ocorrido no momento em que se fala, antes do momento em que se fala e após o momento em que se fala. Em seguida, são apresentadas também as subdivisões dos tempos verbais: presente indivisível; pretérito imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito; e futuro do presente e do pretérito. No entanto, a noção de tempo é muito mais complexa do que a visão trazida pela Tradição Gramatical. Diversos estudiosos já refletiram sobre a noção de tempo: filósofos, lógicos, gramáticos e físicos, o que gera uma polêmica acerca desse conceito. Não vamos refletir, nesse trabalho, sobre a concepção de tempo para esses diferentes teóricos. A nós, interessa, nesse momento, compreender a noção de tempo na linguagem, tendo em vista o nosso foco ser a futuridade.

Para Castilho (2012), o tempo é uma das propriedades semântica do verbo, cuja interpretação deve ser remetida à situação de fala, representada pelo passado (anterioridade à situação de fala); presente (simultaneidade à situação de fala); e futuro (posterioridade à situação de fala). Além de trazer esse conceito de tempo, o linguista ressalta a necessidade de não utilizar as formas temporais unicamente para fixar cronologias dos estados de coisa, situando-nos num tempo real, mensurável pelo relógio. Concordamos com Castilho (2012) por compreendermos que as formas temporais nos deslocam livremente pela linha do tempo, de acordo com as nossas necessidades expressivas. Nesse sentido, temos pelo menos três situações de uso: o *tempo real,* quando descrevemos um estado de coisas que coincide com o tempo cronológico; o *tempo fictício*, quando nos deslocamos para um espaço-tempo imaginário, que não coincide com o tempo real, os chamados “usos metafóricos das formas verbais”; e o presente *atemporal,* para descrever situações permanentes. Assim, na fala de Castilho (2012), “Jogando com o tempo real, o tempo fictício e a ausência de tempo, vamos nos virando em nossas expressões” (CASTILHO, 2012, p. 165).

De acordo com Cunha (1994), “Chamam-se modos as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia” (CUNHA, 1994, p. 368).

Temos, no Português, o modo indicativo, o modo subjuntivo e o modo imperativo. Castilho (2012) traz uma observação importante, de que os modos verbais apresentam uma propriedade textual comum, a de representarem atos da fala, o que, segundo o autor, leva-nos para fora da sentença enunciada e para dentro da situação de enunciação. Ao selecionar um modo verbal, a motivação não é exclusivamente sintática, uma vez que o modo evidencia do que trata o ato da fala, podendo ser *assertivo* (modo indicativo), *dubitativo* (modo subjuntivo) e *jussivo* (modo imperativo) a depender, como fazemos questão de reforçar, da necessidade expressiva do falante ao usar a língua diante de uma demanda específica.

Assim como a noção de tempo, a noção de modo também não é tão simples, cabe ressaltar que modo e modalidade são termos que designam uma variedade de funções linguísticas, conforme Silva (2016)[11].

Em relação ao aspecto verbal, é utilizado para expressar um ponto de vista sobre o sentido do verbo. Segundo Castilho (2012), o aspecto verbal representa o que dura; o que começa e acaba; e o que se repete. Em nota[12], o autor explica como compreender essa categoria através da etimologia da palavra aspecto.

Na fala de Castilho (2012), como o aspecto não dispõe de morfologia própria no português, os falantes codificam significados relacionados aos aspectos verbais combinando diversos ingredientes linguísticos. Não vamos adentrar essa categoria, pois, assim como Castilho (2012) e Silva (2016), acreditamos que a perífrase de *ir* + infinitivo, parece bloquear a manifestação do aspecto verbal.

Após compreender um pouco os caminhos percorridos pela expressão do futuro na Língua Portuguesa e fazer algumas considerações acerca do tempo, modo e aspecto, inerentes à categoria verbal, na próxima seção abordaremos o tempo verbal futuro do presente perifrástico na visão da Tradição Gramatical, da Tradição Linguística, do Livro Didático e de Pesquisas Contemporâneas.

---

[11] "O modo, na visão de Silva (1997), está relacionado com o paradigma verbal, é uma categoria formal da gramática (morfológica)" (SILVA, 2016, p.38). Já a modalidade "podemos dizer que é a atitude do falante em relação ao que diz" (SILVA, 2016, p. 39).

[12] "A etimologia da palavra *aspecto* vai nos ajudar no entendimento do que é essa categoria. Ela deriva do radical indo-europeu *spek, 'ver', pois o aspecto representa a visão do que o verbo significa" (CASTILHO, 2012, p. 161).

3 O TEMPO VERBAL FUTURO DO PRESENTE: A PERÍFRASE COM O VERBO *IR* COMO AUXILIAR + INFINITIVO

Na seção anterior, tratamos dos caminhos percorridos pela expressão do futuro na Língua Portuguesa, trazendo uma breve abordagem desde o Latim Clássico até o Português Brasileiro contemporâneo. Nesta seção, vamos abordar o tempo verbal futuro do presente, investigando como a perífrase com o verbo *ir* como auxiliar + infinitivo do verbo principal é vista na Tradição Gramatical, na Tradição Linguística, no livro didático e em pesquisas linguísticas contemporâneas.

3.1 O OLHAR DA TRADIÇÃO GRAMATICAL

Para compreender a visão da Tradição Gramatical acerca da realização do tempo futuro na Língua Portuguesa, especificamente o futuro do presente na sua forma perifrástica (com o verbo *IR* + infinitivo do verbo principal), recorremos a oito compêndios da gramática normativa, a saber: *Nossa Gramática: teoria e prática,* de Luiz Antônio Sacconi (1983); *Nova Gramática do Português Contemporâneo,* de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra (1985); *Gramática da Língua Portuguesa*, de Celso Cunha (1994); *Curso de Gramática Aplicada aos Textos,* de Ulisses Infante (1999); *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Rocha Lima (2003); *Gramática Metódica da Língua Portuguesa,* de Napoleão Mendes de Almeida (2005); *Moderna Gramática da Língua Portuguesa* e *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*, de Evanildo Bechara (2004 e 2010), respectivamente.

Os compêndios gramaticais abordam modo, tempo, conjugação e outros aspectos acerca da categoria verbal. No entanto, interessa-nos, neste trabalho, apresentar a visão da Tradição Gramatical acerca do fenômeno linguístico que está sendo estudado.

Sacconi (1983) não faz referência à forma perifrástica, com o verbo *ir,* como uma estrutura de futuro. Ao tratar das locuções verbais e aspecto, o autor apenas afirma “Nossa língua não dispõe de flexões próprias suficientes para exprimir com rigor todos os momentos do processo verbal. Vale-se, então, dos verbos auxiliares, que se usam para exprimir os mais diferentes aspectos da ação” (SACCONI, 1983, p. 151). Em seguida, traz uma série de exemplos de aspectos verbais, sem, contudo, apresentar exemplos do futuro perifrástico com o verbo *ir* como auxiliar.

Assim como Sacconi (1983), Cunha e Cintra (1985) também não registram a forma perifrástica, com o verbo *ir,* como uma estrutura de futuro, mas, ao tratar dos verbos auxiliares e seu emprego, os autores fazem as seguintes observações:

> [...] Além dos quatro verbos estudados, outros há que podem funcionar como auxiliares. Estão neste caso os verbos *ir, vir, andar, ficar, acabar* e mais alguns que se ligam ao INFINITIVO do verbo principal para expressar matizes de tempo ou para marcar certos aspectos do desenvolvimento da ação. Assim:
>
> emprega-se:
> [...]
> b) com o INFINITIVO do verbo principal, para imprimir o firme propósito de executar a ação, ou a certeza de que ela será realizada em futuro próximo:
>
> **Vou procurar** um médico.
> O navio **vai partir**.
>
> (CUNHA E CINTRA, 1985, p. 385, grifos dos autores).

Para os autores, o emprego da forma perifrástica, com o verbo *ir* como auxiliar + infinitivo do verbo principal, é utilizado apenas se há o firme propósito de executar a ação ou se há a certeza que essa ação vai ocorrer em um futuro próximo. Esta visão é semelhante à visão que segue, em Cunha (1994).

Percebemos que Cunha (1994), ao apresentar os tempos verbais, na página 368, traz uma subdivisão do tempo verbal futuro, que restringe o futuro do presente em simples e composto, ou seja, nessa subdivisão não aparece a forma perifrástica, conforme segue abaixo:

Futuro do Indicativo

- Futuro
  - do presente
    - simples: *louvarei*
    - composto: *terei louvado*
  - do pretérito
    - simples: *louvaria*
    - composto: *teria louvado*

Futuro do Subjuntivo

Futuro
- simples: *louvar*
- composto: *tiver louvado*

É válido ressaltar que o autor só menciona o futuro perifrástico com o verbo IR como auxiliar + verbo no infinitivo, ao falar de verbos auxiliares de uso mais frequentes (*ter, haver, ser* e *estar*). Vejamos:

> Além dos quatro verbos estudados, outros há que podem funcionar como auxiliares. Estão neste caso os verbos *ir, vir, andar* e mais alguns que se ligam ao infinitivo ou ao gerúndio do verbo principal para indicar matizes de tempo ou para marcar certos aspectos do desenvolvimento da ação (CUNHA, 1994, p.380)
>
> E continua:
>
> b) com o infinitivo do verbo principal, para exprimir o firme propósito de executar a ação, ou a certeza de que ela será realizada em um futuro próximo. Traz o exemplo (grifo nosso) "Vou dormir." (G. Ramos, AOH, 126.) (CUNHA, 1994, p. 381)

O autor traz algumas observações e, no tópico "substitutos do futuro do presente simples", faz a seguinte colocação:

> Na língua falada o *futuro simples* é de emprego relativamente raro. Prefere-se, na conversação, substituí-lo por locuções constituídas:
>
> a) do presente do indicativo do verbo *haver*+ preposição de + infinitivo do verbo principal, para exprimir a intenção de realizar um ato futuro:
>
> "Desço ao quintal...Que rosas
>
> **Hei de colher?!"**(J. Régio, CL, 25.)
>
> b) do presente do indicativo do verbo *ter*+ preposição de + infinitivo do verbo principal, para indicar uma ação futura de caráter obrigatório, independente, pois, da vontade do sujeito:
>
> "Não sou mais extenso porque **tenho de atender** a todo instante ao doentinho que exige agora toda a nossa atenção" (E. da Cunha, OC, II, 617.) – (p. 439)
>
> c) do presente do indicativo do verbo *ir* + infinitivo do verbo principal, para indicar uma ação futura imediata:
>
> "Parece que vai sair o Santíssimo, disse alguém no ônibus."(M. de Assis, OC, I, 759.) (CUNHA, 1994, p. 439)

Na referência ao futuro perifrástico, Cunha (1994) esclarece que o futuro simples é raro na fala, sendo mais utilizadas as locuções. No exemplo dado de locução com o verbo *ir* + infinitivo do verbo principal, o autor mostra que esse tipo de locução indica uma ação futura imediata, conforme exemplo acima.

Infante (1999), ao tratar do futuro do presente, apresenta como estrutura de futuro a forma sintética, no entanto, complementa que essa forma tem uso limitado na linguagem cotidiana, e acrescenta:

> em seu lugar, costumamos empregar locuções verbais com o infinitivo, principalmente as formadas pelo verbo **ir:** ***Vou sair*** *daqui a instantes. /Estes projetos* ***vão passar*** *pela apreciação dos deputados nos próximos dias.* (INFANTE, 1999, p. 263).

Portanto, mesmo não tratando a forma perifrástica como uma estrutura de futuro, o autor admite o uso recorrente da forma perifrástica.

Rocha Lima (2003) apresenta os tempos verbais da mesma forma que Cunha (1994). Todavia, em momento algum, cita o futuro perifrástico com o verbo IR como auxiliar + verbo principal no infinitivo. É interessante que, mesmo sem fazer nenhuma referência à forma perifrástica com o verbo auxiliar *ir*, a expressão aparece em seu discurso. Ao discorrer sobre conjugação, traz a seguinte afirmação: “A mesma vogal ainda **vai aparecer** em, por exemplo, *poente* (po-E-nte) e *poedeira* (po-E-d-eira)” (ROCHA LIMA, 2003, p. 125, grifo nosso). Em Almeida (2005), também não é abordada essa estrutura.

Bechara (2010), por sua vez, apresenta os tempos verbais de forma semelhante a Cunha (1994) e Rocha Lima (2003), e não faz nenhuma observação acerca do futuro perifrástico. No entanto, é válido ressaltar que, no final do capítulo 9, que trata do verbo, o autor traz uma lista de exercícios de fixação. E no exercício 42, da página 272, em uma atividade para substituir o termo grifado pelos pronomes oblíquos átonos, são dados os seguintes enunciados:

1) Vou pôr o *livro* na mesa.

9) Vamos escrever *aos filhos*.

Observamos que o próprio autor utiliza o futuro perifrástico com o verbo *ir* + verbo no infinitivo em sua lista de exercício, mesmo sem tratar dessa forma como uma estrutura de futuro, em sua descrição acerca do verbo. Em Bechara (2004), apesar do

título “Moderna Gramática Portuguesa”, a obra também não aborda o futuro perifrástico com o verbo *ir* + verbo no infinitivo como uma estrutura de futuro.

É possível observar que, na Tradição Gramatical, apesar de alguns autores citarem a forma perifrástica, eles não concebem essa estrutura como uma estrutura de futuro. Ao abordarem a forma perifrástica, enfatizam que esta é utilizada apenas para uma ação futura imediata e em contextos de conversação, no entanto, alguns desses autores utilizam a forma perifrástica em suas descrições. Feitas essas considerações, segue um quadro síntese da visão da Tradição Gramatical:

Quadro 2: O Olhar da Tradição Gramatical

Autores	**Aborda a forma perifrástica com o verbo *ir* como uma estrutura de futuro**	**Aborda a forma perifrástica com o verbo *ir* como locução verbal**	**Observações**
Sacconi (1983)	Não	Não	Não faz nenhuma referência ao futuro perifrástico
Cunha e Cintra (1985	Não	Sim	Apenas para uma ação futura imediata
Cunha (1994)	Não	Sim	Apenas para uma ação futura imediata
Infante (1999)	Não	Sim	Admite o uso recorrente na linguagem cotidiana
Rocha Lima (2003)	Não	Não	A forma perifrástica aparece em seu discurso
Bechara (2004)	Não	Não	A forma perifrástica aparece em uma lista de exercício
Almeida (2005)	Não	Não	Não faz nenhuma referência ao futuro perifrástico
Bechara (2010)	Não	Não	Não faz nenhuma referência ao futuro perifrástico

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Na subseção seguinte, abordaremos a visão da Tradição Linguística, em relação ao fenômeno estudado.

3.2 O OLHAR DA TRADIÇÃO LINGUÍSTICA.

O fenômeno linguístico tratado neste trabalho vem sendo abordado pela Tradição Linguística em diversas obras. Possenti (1996) afirma, em relação às conjugações verbais, que algumas formas não existem mais ou só existem na escrita:

> b) os futuros sintéticos praticamente não se ouvem mais, embora, certamente, ainda se usem na escrita. Na modalidade oral, o futuro é expresso por uma locução (vou sair, vai dormir etc.), e não mais pela forma sintética (sairei, dormirá). (POSSENTI, 1996, p. 66).

Em relação à Tradição Linguística, foram consultadas sete gramáticas, a saber: *Gramática de Usos do Português,* de Neves (2000); *Gramática da Língua Portuguesa,* de Koch e Vilela (2001); *A Estrutura Morfo-Sintática do Português,* de Macambira (2001); *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro,* de Bagno (2011); *Pequena Gramática do Português Brasileiro,* de Castilho (2012); e *Gramática do Português Brasileiro* e *Gramática Descritiva do Português Brasileiro,* de Perini (2010 e 2016), respectivamente.

Neves (2000), no tópico *Verbos auxiliares de tempo,* faz a seguinte colocação: “A construção do verbo ***IR*** com **infinitivo** de outro **verbo** indica futuridade” (NEVES, 2000, p. 65, grifo da autora). É interessante que a autora traz o exemplo *“Quando eu crescer **VOU COMPRAR** um carro bonito como o de seu Manuel Valadares.”* (NEVES, 2000, p. 65, grifo da autora), discordando totalmente da justificativa dada por autores da Tradição Gramatical, que afirmam que a forma perifrástica é utilizada apenas para uma ação futura imediata. No exemplo trazido por Neves (2000), a ação futura não é imediata.

Na *Gramática da Língua Portuguesa* de Koch e Vilela (2001), no que diz respeito aos tempos verbais, os autores fazem a seguinte colocação:

> Os tempos do português são presente, pretéritos perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito, futuro do presente, futuro do pretérito, pretérito perfeito composto, pretérito mais-que-perfeito composto. (KOCH E VILELA, 2001, p. 165)

Apesar de algumas inovações, em relação à Tradição Gramatical, como por exemplo, a abordagem do aspecto verbal, no que tange à temporalidade, especificamente o futuro do presente, não é mencionado o futuro perifrástico, aproximando-se da Tradição Gramatical. No entanto, ao tratar do verbo, os autores utilizam esta estrutura em suas explanações: “<u>Vamos exemplificar</u> com o mais-que-perfeito: [...]” (p.174), ao invés de utilizar “exemplificaremos”. Mais adiante, ao

discorrer sobre partículas modais, mais uma vez é utilizada a estrutura perifrástica: "Vamos ver mais de perto, algumas das partículas tidas seguramente como **partículas modais**." (p. 270), em vez de utilizar "veremos".

Macambira (2001) traz algumas inovações em relação ao estudo do verbo. O conceito dessa categoria gramatical é visto sob o aspecto mórfico, sintático e semântico, mas não discute os tempos verbais e não cita a forma perifrástica. Acreditamos que o estudo dos tempos verbais não seja o objetivo da obra. O autor não defende a abolição da gramática tradicional, mas deixa claro a importância das pesquisas linguísticas modernas:

> Não se trata de abolir a gramática tradicional, que tantos e tão bons serviços prestou e vem prestando ao estudo e ao ensino de línguas, nacionais ou estrangeiras. O que cumpre e urge é favorecê-la com as conquistas da linguística moderna, que já são inúmeras e se alargam a cada passo. (MACAMBIRA, 2001, p. 14)

Condizente com pesquisas linguísticas recentes, Bagno (2011) vê o futuro perifrástico como um verdadeiro tempo verbal. Vejamos:

> Na formação dos tempos compostos, é obrigatório incluir, pelo menos, os verbos estar e ir, quando seguidos de gerúndio ou infinitivo. Afinal, esses dois auxiliares entram na formação de verdadeiros tempos verbais que, embora não relacionados pela TGP, estão entre os mais empregados no PB. (BAGNO, 2011, 603).

Segundo Bagno (2011), os chamados verbos auxiliares são excelentes exemplos dos processos de gramaticalização. No entanto, apesar de as construções com auxiliares serem fenômenos muito mais amplos e complexos, a Gramática Tradicional se limita a apresentar os tempos compostos com os verbos *ter* e *haver;* e construções passivas com o verbo *ser.*

Da mesma forma que Bagno (2011), em Castilho (2012), a perífrase verbal com o verbo *ir* já faz parte da estrutura de futuro. O autor apresenta ainda outras formas perifrásticas, que utilizam mais de um verbo auxiliar, o que forma perífrases complexas, "tais como *tinha falado, tinha vindo falar, posso estar falando, vou estar enviando."* (CASTILHO, 2012, p. 77).

Ainda na página 77, é apresentado um quadro que mostra as perífrases verbais mais frequentes, dentre as quais aparece o futuro perifrástico com o verbo *ir* + infinitivo. Segundo Castilho (2012), o número de perífrases verbais excede o quadro abaixo. Vejamos o quadro:

Quadro 3: Perífrases verbais

Quadro 11: Perífrases verbais

CATEGORIA	VERBO AUXILIAR + FORMA NOMINAL	EXEMPLOS
1. Voz passiva perifrástica	*Ser*, *estar* + particípio	*Sou falado, fui falado etc.* *Sou vendido, foi vendido etc.* *Sou partido, fui partido etc.*
2. Tempos compostos do passado	*Ter*, *haver* + particípio	*Tenho falado, tinha falado etc.* *Tenho vendido, tinha vendido etc.* *Tenho partido, tinha partido etc.*
3. Futuro perifrástico	*Ir*, *vir* + infinitivo	*Vou falar, ia falar etc.* *Vou vender, ia vender etc.* *Vou partir, ia partir etc.*
4. Aspecto imperfectivo	*Estar*, *ir* + gerúndio	*Estou falando, vou falando, estava falando, ia falando etc.* *Estou vendendo, vou vendendo, estava vendendo, ia vendendo etc.* *Estou partindo, vou partindo, estava partindo, ia partindo etc.*
5. Perífrases modais	*Poder*, *dever* + infinitivo	*Posso falar, devo falar, podia falar, devia falar etc.* *Posso vender, devo vender, podia vender, devia vender etc.* *Posso partir, devo partir, podia partir, devia partir etc.*

Fonte: (CASTILHO, 2012, p. 77)

Segundo Castilho (2012), os falantes do português desenvolveram mais formas perifrásticas do que os falantes de Latim. Para o autor, o quadro das conjugações do português brasileiro está sendo alterado, as formas compostas ou perifrásticas estão tomando o lugar das formas simples. Em relação ao futuro do presente, o autor demonstra a coexistência das duas formas: forma sintética (sairei) e forma perifrástica

(Vou sair), conforme Silva (2016), que elenca pontos importantes da fala de Castilho (2012)[13].

A abordagem de Perini (2010) também traz considerações importantes acerca da perífrase verbal. Para o autor, as formas compostas merecem ser incluídas no paradigma verbal ao lado das formas simples, já que desempenham papéis semânticos análogos. Vejamos:

> Essa semelhança fica evidente quando se consideram formas simples e compostas que têm a mesma função semântica, como *falarei* e *vou falar,* ou *falara* e *tinha falado.* Essas formas coexistem na língua padrão escrita, mas no PB as formas simples desapareceram em favor das compostas. (PERINI, 2010, p. 220).

Segundo Perini (2010), do ponto de vista sintático e semântico, não há distinção entre as formas compostas e as formas simples. Apesar de a forma perifrástica geralmente ser excluída dos paradigmas tradicionais, Perini (2010) não vê nenhuma razão para essa exclusão. O autor traz, ainda, uma série de propriedades das construções com auxiliar, além de utilizar com frequência o futuro perifrástico em suas explanações. Em Perini (2016), o autor reafirma seu posicionamento, mostrando a raridade da realização do futuro sintético no PB. É interessante que, ao exemplificar os três tempos básicos - o passado, o presente e o futuro – Perini (2016) traz as seguintes frases: “1] O João trabalhou aqui. / 2] O João trabalha aqui. / 3] O João vai trabalhar aqui” (PERINI, 2016, p. 317). Podemos observar que o autor utilizou o futuro perifrástico, e não futuro sintético, o que demonstra seu posicionamento em relação à consolidação da forma perifrástica como uma estrutura de futuro.

Para sintetizar a análise realizada nessa subseção, segue abaixo o quadro síntese da visão da Tradição Linguística:

[13] “Da fala de Castilho (2012), podemos retirar as seguintes lições: a) a necessidade de recorrermos a uma classificação semântico-discursiva para entendermos as diferentes matizes apresentadas pelo uso do futuro em português; b) a persistência entre embate sintético e analítico vivenciado na história do Latim e do Português; c) a coexistência de formas simples e perifrásticas de futuro na atual fase da Língua Portuguesa.” (SILVA, 2016, p. 47)

Quadro 4: O Olhar da Tradição Linguística

Autores	**Aborda a forma perifrástica com o verbo *ir* como uma estrutura de futuro**	**Aborda a forma perifrástica com o verbo *ir* como locução verbal**	**Observações**
Neves (2000)	Sim	Não	Deixa claro que a forma perifrástica indica futuridade.
Koch e Vilela (2001)	Não	Não	Não aborda
Macambira (2001)	Não	Não	Não discute os tempos verbais
Perini (2010)	Sim	Não	Defende a inclusão da forma perifrástica no paradigma verbal
Bagno (2011)	Sim	Não	Vê como um verdadeiro tempo verbal
Castilho (2012)	Sim	Não	Demonstra a coexistência das duas formas
Perini (2016)	Sim	Não	Reafirma o posicionamento de 2010

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Diferente do “olhar da Tradição Gramatical”, nas obras pesquisadas da Tradição Linguística, a maioria dos autores trazem uma abordagem em relação ao futuro perifrástico com o verbo *ir* + infinitivo, reconhecendo como uma estrutura de futuro. Na próxima subseção, será analisada a abordagem do livro didático.

3.3 O OLHAR DO LIVRO DIDÁTICO

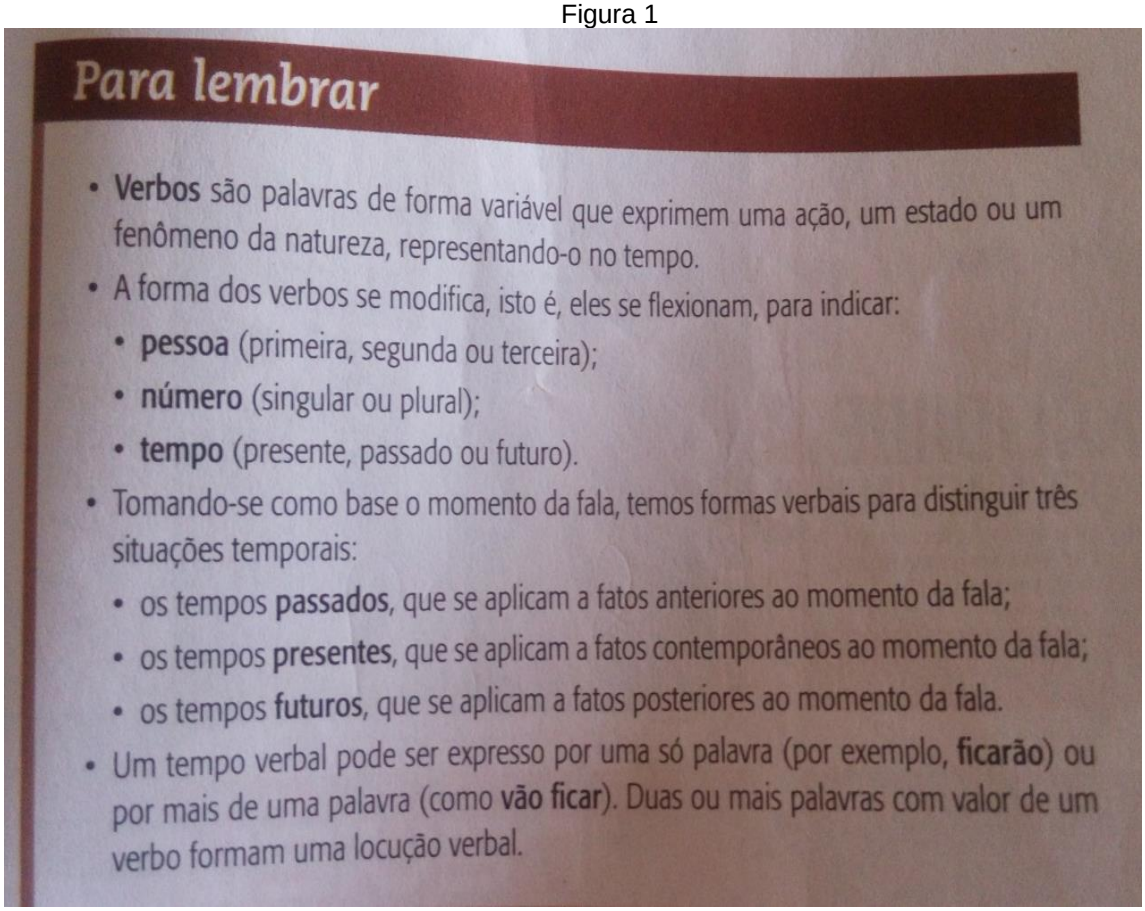
Tendo em vista que o livro didático é um instrumento de apoio ao trabalho do professor, e que muitos docentes utilizam apenas este suporte pedagógico, analisamos seis livros didáticos do 6º ano, série em que se estuda a categoria *verbo*, e de extrema importância, uma vez que é o início do Ensino Fundamental II. A categoria verbo ainda é vista em livros de 7º ano, no entanto, o tempo verbal é estudado, na maioria dos livros, no 6º ano. Diante disso, foram selecionados e analisados os livros: *Jornadas.port – Língua Portuguesa (2012)*, de Dileta Delmanto e Laiz B. de Carvalho; *Português Linguagens(2015)*, de Thereza Cochar Magalhães e William Roberto Cereja; *Projeto Taláris: Português (2015)*, de Ana Maria Trinconi Borgatto, Terezinha Costa Hashimoto Bertini e Vera Lúcia de Carvalho Marchezi; *Para viver Juntos***:** *Português (2015)*, de Cibele Lopresti Costa, Greta Marchetti e Jairo J.

Batista Soares; *Universos: Língua Portuguesa (2015),* de Fernanda Pinheiro Barros, Luciana Mariz e Camila Sequetto Pereira; e *Português: uma proposta para o letramento (2002),* de Magda Soares.

Após analisar a visão da Tradição Gramatical e da Tradição Linguística, vejamos o que diz o livro didático.

Carvalho e Delmanto (2012), na página 251, da unidade 7, trazem um tópico denominado “Reflexão sobre a língua”, que trata do verbo: conceito e flexões. Especificamente na página 255, é abordada a flexão de tempo, mas na explanação, as autoras não citam a forma perifrástica, ao falar do tempo futuro, apresentam apenas a forma sintética. No entanto, ao trazer novamente o futuro, em um dos tópicos lembretes, comentam que esse tempo verbal pode ser expresso por uma só palavra ou por mais de uma palavra, uma locução verbal. Vejamos o quadro lembrete:

Figura 1



Para lembrar

- **Verbos** são palavras de forma variável que exprimem uma ação, um estado ou um fenômeno da natureza, representando-o no tempo.
- A forma dos verbos se modifica, isto é, eles se flexionam, para indicar:
  - **pessoa** (primeira, segunda ou terceira);
  - **número** (singular ou plural);
  - **tempo** (presente, passado ou futuro).
- Tomando-se como base o momento da fala, temos formas verbais para distinguir três situações temporais:
  - os tempos **passados**, que se aplicam a fatos anteriores ao momento da fala;
  - os tempos **presentes**, que se aplicam a fatos contemporâneos ao momento da fala;
  - os tempos **futuros**, que se aplicam a fatos posteriores ao momento da fala.
- Um tempo verbal pode ser expresso por uma só palavra (por exemplo, **ficarão**) ou por mais de uma palavra (como **vão ficar**). Duas ou mais palavras com valor de um verbo formam uma locução verbal.

Fonte: (CARVALHO E DELMANTO, 2012, p. 257)

A forma perifrástica, denominada pelas autoras de locução verbal, também é abordada ao longo da página 256, inclusive em uma atividade:

Figura 2

2. Leia esta tira.

Jim Davis. Disponível em: <http://tirinhasdogarfield.blogspot.com/search?updated-max=2010-07-09T09%3A40%3A00-03%3A00&max-results=7>. Acesso em: 15 nov. 2010.

a) **Pensando nos hábitos atuais, na sua opinião por que Jon vai correr?**

b) **Garfield anuncia que vai comer um doce com a mesma expressão de tranquila satisfação que Jon tem ao dizer que vai correr. Do ponto de vista da saúde, comer um doce é tão bom quanto correr? Então, o que torna essa tira engraçada?**

c) **No primeiro quadrinho, Jon já correu, está correndo ou ainda vai correr? E Garfield já comeu, está comendo ou ainda vai comer?**

d) **As expressões vou correr, vou ficar e vou comer indicam passado, presente ou futuro?**

e) **No primeiro e no segundo quadrinhos, utilizam-se duas formas verbais com o valor de uma: vou correr, vou ficar, vou comer. Substitua cada uma dessas expressões verbais por uma só forma verbal.**

f) **Qual delas é mais comum no atual português do Brasil?**

Duas ou mais formas verbais com valor de uma compõem uma **locução verbal**, formada por um verbo principal e um auxiliar. O verbo principal é sempre o que aparece por último. O outro verbo da locução é chamado de **verbo auxiliar**.

vou comer

verbo auxiliar **verbo principal**

Fonte: (CARVALHO E DELMANTO, 2012, p. 256).

A presença da forma perifrástica, na charge da atividade acima, confirma que essa forma é recorrente, usual na língua, sobretudo na modalidade oral. Cabe ressaltar que essa atividade proposta pelas autoras leva em consideração a língua em seus usos concretos. Também é relevante observar o questionamento proposto na última questão: “f) Qual delas é mais comum no atual português do Brasil?”. Com essa pergunta as autoras levam os alunos a refletirem acerca da língua em funcionamento e realizam uma espécie de teste de atitude linguística[14].

Cereja e Magalhães (2015), no tópico “A língua em foco”, que trata do verbo, trazem a mesma abordagem de Carvalho e Delmanto (2012). No entanto, os autores não levam o aluno a refletir acerca da forma mais utilizada no atual português do

[14] Na questão, há uma menção, ainda que, talvez, não intencionalmente, ou melhor, explícita, a uma avaliação por parte do falante da forma que é utilizada. E a avaliação, na Sociolinguística, caracteriza-se como um dos cinco princípios estabelecidos por Weinreich, Labov e Herzog em 1968 para a compreensão da mudança linguística. Nesse aspecto, busca-se pesquisar no informante como ele percebe a variação se de uma forma positiva ou não e, assim, se a forma variante inovadora é bem aceita, é aceita como uma forma de prestígio ou, ao contrário disso, como uma forma estigmatizada na comunidade.

Brasil, como propõe Carvalho e Delmanto (2012), apenas apresentam como locução verbal e trazem um exemplo comparativo com a forma sintética:

Figura 3

CONCEITUANDO

Você observou que o Menino Maluquinho, para mostrar que treinou a pulga, dá a ela uma série de ordens. Palavras como **pula**, **rola**, **deita**, **senta** e **pega**, que exprimem ações, são chamadas de **verbos**.

Além de ações, os verbos também designam estado, mudança de estado e fenômenos meteorológicos. Veja:

"O cachorro é só suporte!" (estado)
A água virou colírio. (mudança de estado)
Choveu toda a noite. (fenômeno meteorológico)

Verbos são palavras que exprimem ação, estado, mudança de estado e fenômenos meteorológicos, sempre em relação a determinado tempo.

Dois ou mais verbos com valor de um formam uma **locução verbal**. Por exemplo: **vai ficar**, **está falando**, **deve sair**. Observe a correspondência:

O Menino Maluquinho **vai treinar** a pulga.
locução verbal

O Menino Maluquinho **treinará** a pulga.
verbo

Fonte: (CEREJA E MAGALHÂES, 2015, p.239).

Mais adiante, ao tratar dos tempos verbais, especificamente do futuro do presente, os autores fazem uma observação de que as locuções verbais seriam usadas em situações informais, levando à compreensão de que em situações formais o presente do futuro é utilizado sempre em sua forma sintética:

Figura 4

Os tempos do futuro na língua coloquial

O emprego do futuro do presente ou do futuro do pretérito quase sempre dá a impressão de que a pessoa está falando de modo formal.

Em situações informais, os falantes geralmente preferem empregar **locuções verbais**, isto é, o verbo principal acompanhado de um verbo auxiliar, como ocorre na frase "Com tudo alagado não **vai dar**". Observe esse mesmo procedimento no quadrinho ao lado. A personagem emprega a locução **vou pedir**, com o auxiliar ir, quando poderia ter dito: "Nem **pedirei** um beijinho de obrigado".

(Fernando Gonsales. *Níquel Náusea — Nem tudo que balança cai!*, cit., p.

Fonte: (CEREJA E MAGALHÂES, 2015, p.239)

É válido ressaltar que, mesmo afirmando que a forma perifrástica (denominada pelos autores de locução verbal) é utilizada em situações informais, essa forma aparece em um texto de um exercício da página 244, publicado em uma revista, suporte que pressupõe, a rigor, uma linguagem formal. No entanto, observamos que a Revista Recreio é destinada ao público infantil, e tem por objetivo divertir e educar as crianças e pré-adolescentes, assim, utiliza uma linguagem menos formal, distanciando da linguagem mais formal, comumente utilizada nos textos científicos. Vejamos:

Figura 5

EXERCÍCIOS

1. Identifique o tempo (presente, pretérito ou futuro) em que estão as formas verbais destacadas neste texto.

Saiba mais sobre o mico-leão-dourado, um macaco que só existe no Brasil

É fácil saber por que o mico-leão-dourado ganhou esse nome: seus pelos formam uma juba cabeluda, dourada e brilhante, como a dos leões.

Esse animal só existe na Mata Atlântica brasileira e esteve ameaçado de desaparecer do planeta. Muita gente lutou para preservar essa espécie e hoje a população de micos-leões-dourados está crescendo.

Os micos passam o dia entre as árvores, procurando frutos, insetos e animais pequenos para comer. À noite, eles se escondem em ocos de árvores e vão dormir tranquilos.

Se percebe a aproximação de uma cobra, uma jaguatirica ou um gavião, o líder do bando dos micos dá um assobio forte. Aí todos se escondem rapidinho entre os galhos.

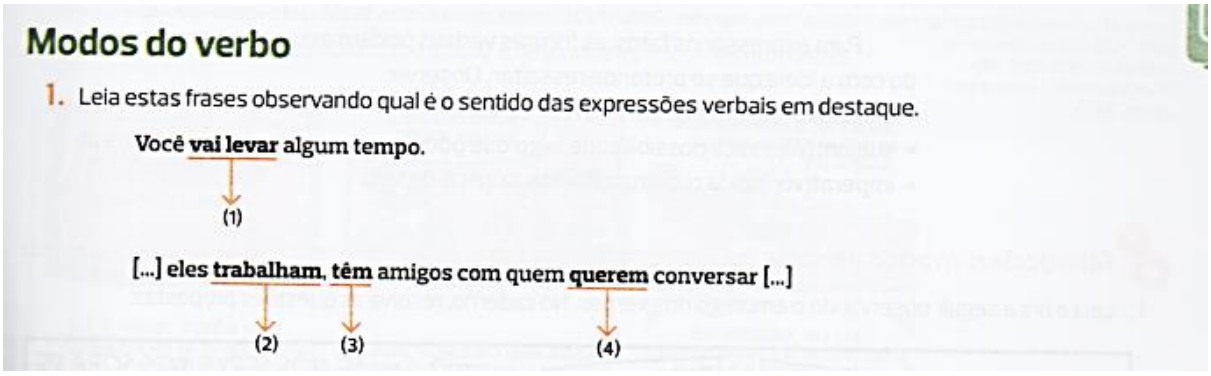
(Maria Carolina Cristianini. *Recreio*, nº 462, p. 26.)

é: presente; ganhou: pretérito; formam: presente; existe: presente; esteve: pretérito; lutou: pretérito; está: presente; passam: presente; escondem: presente; vão dormir: futuro; percebe: presente; dá: presente.

Fonte: (CEREJA E MAGALHÂES, 2015, p.244)

Assim como os demais autores, Borgatto, Bertini e Marchezi (2015) também abordam a construção perifrástica do futuro do presente como uma construção com locução verbal. O tópico para abordar essa construção é denominado “no dia a dia”, deixando claro que essa construção é utilizada na linguagem informal. Quando as autoras trazem as falas das crianças, de forma implícita, querem dizer essa forma perifrástica é mais utilizada na linguagem infantil e informal. No entanto, em outros momentos do livro, aparecem construções perifrásticas, sem a intenção de fazer essa abordagem, e, assim, fica evidenciado que essa é uma forma que aparece espontaneamente, mesmo em contextos monitorados:

Figura 6



Modos do verbo

1. Leia estas frases observando qual é o sentido das expressões verbais em destaque.

Você **vai levar** algum tempo.

(1)

[...] eles **trabalham**, **têm** amigos com quem **querem** conversar [...]

(2) (3) (4)

Fonte: (BORGATTO, BERTINI E MARCHEZI, 2015, p. 231).

É interessante notar que as autoras não ignoram a existência da forma perifrástica, chamando a atenção para as transformações que a língua sofre e, nessa abordagem, considera produtiva a perífrase verbal em situações informais:

Figura 7

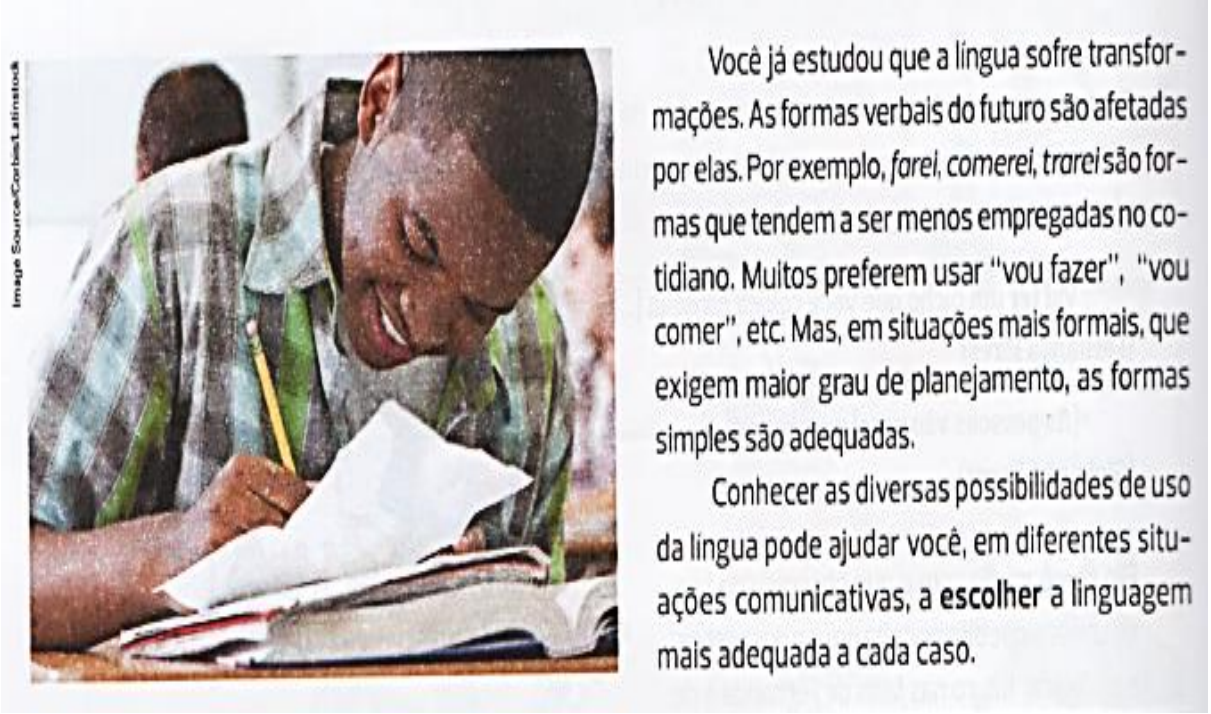


Image Source/Corbis/Latinstock

Você já estudou que a língua sofre transformações. As formas verbais do futuro são afetadas por elas. Por exemplo, *farei*, *comerei*, *trarei* são formas que tendem a ser menos empregadas no cotidiano. Muitos preferem usar "vou fazer", "vou comer", etc. Mas, em situações mais formais, que exigem maior grau de planejamento, as formas simples são adequadas.

Conhecer as diversas possibilidades de uso da língua pode ajudar você, em diferentes situações comunicativas, a **escolher** a linguagem mais adequada a cada caso.

Fonte: (BORGATTO, BERTINI E MARCHEZI, 2015, p. 204)

A abordagem verbal feita por Costa, Marchetti e Soares (2015) parece-nos superficial, pois, ao tratar do tempo futuro, apenas trazem o exemplo de futuro do presente em sua forma sintética. É feita uma observação sobre locução verbal, mas não mencionam a forma perifrástica com o verbo IR + infinitivo do verbo principal. No entanto, essa construção perifrástica aparece em atividades:

Figura 8

3. Leia o trecho a seguir da introdução da biografia de Leonardo da Vinci.

> Você vai encontrar neste livro um monte de fatos extraordinários e histórias incríveis sobre um dos homens mais geniais e criativos de todos os tempos.

Michel Cox. *Leonardo da Vinci e seu supercérebro*. São Paulo: Cia das Letras, 2004. p. 7.

a) Reescreva-o, trocando a locução verbal por um verbo com o mesmo sentido.
Você encontrará neste livro um monte de fatos extraordinários e histórias incríveis sobre um dos homens mais geniais e criativos de todos os tempos.

b) Ao trocar a locução por um verbo, qual alteração pode ser observada em relação à formalidade da frase? Ao utilizar um só verbo, o texto ficou mais formal.

c) A biografia *Leonardo da Vinci e seu supercérebro* foi escrita tendo como público-alvo o infantojuvenil. Que relação pode ser estabelecida entre esse fato e as escolhas linguísticas presentes no trecho? Para se aproximar do público infantojuvenil, é provável que tenham sido escolhidos termos mais informais, como a lo-

Fonte: (COSTA, MARCHETTI E SOARES, 2015, p. 235)

É valido ressaltar que a construção perifrástica é tão comum na língua, que aparece em atividades em que a intenção não é abordar a forma perifrástica, como no exemplo “Você **vai precisar**”, na atividade abaixo:

Figura 9

Plante um feijãozinho

Você vai precisar de:

- Um copo plástico descartável
- Um grão de feijão
- Cerca de 5 gramas de algodão [...]
- Água

Primeiro você precisa umedecer o algodão com a água. Depois forre o fundo do copo descartável com o algodão umedecido.

Coloque seu feijão sobre o algodão, coloque o copo em um local iluminado e não deixe o algodão secar. Vá colocando água sempre e aos pouquinhos.

Mais ou menos em 3 dias a raiz começará a aparecer e um pouco mais tarde seu feijão vai começar a nascer.

Disponível em: <http://www.acessa.com/infantil/arquivo/dicas/2003/09/10-feijao/>. Acesso em: 27 jan. 2015.

a) Qual é a finalidade desse texto? Instruir o leitor sobre como plantar feijão no algodão.

b) Indique o modo dos verbos em destaque no texto. Imperativo.

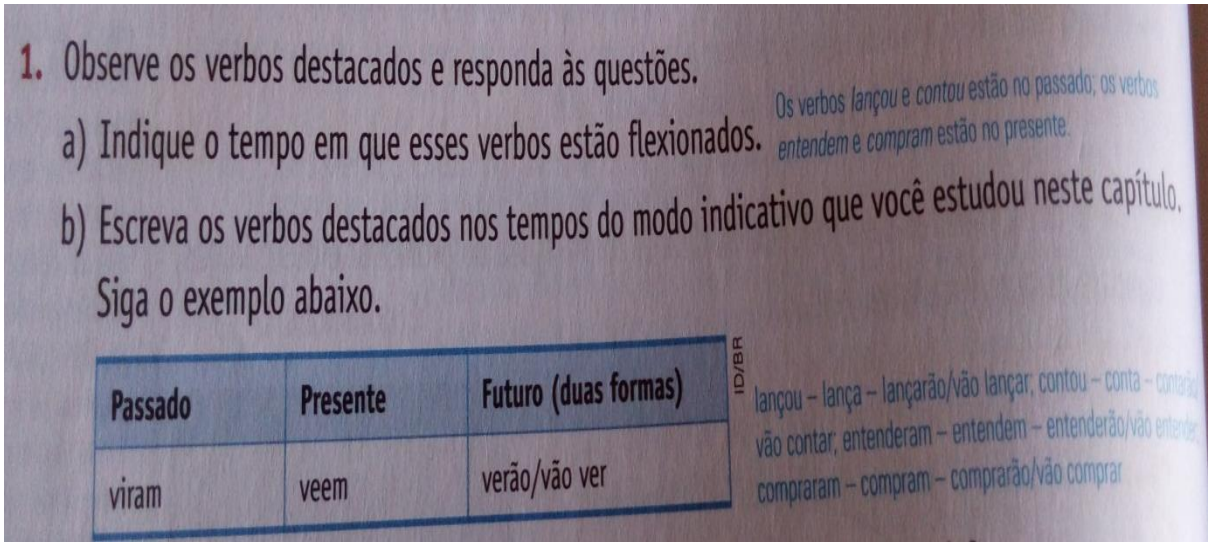
c) Qual é a relação entre esse modo verbal e a sua função no texto?
O imperativo é o modo verbal usado para indicar comandos, instruções.

d) Que outros gêneros textuais costumam apresentar esse modo verbal?
Gêneros em que predominam instruções, pedidos, apelação, como receitas culinárias, bulas de remédio, manuais de instruções, anúncios publicitários, livros de "faça você mesmo", etc.

Fonte: (COSTA, MARCHETTI E SOARES, 2015, p. 235)

A abordagem de Barros, Mariz e Pereira (2015), assim como Costa, Marchetti e Soares (2015), parece-nos superficial, uma vez que não mencionam a forma perifrástica, mas essa construção aparece em atividades do livro, de forma semelhante ao que houve na obra anterior. Observamos:

Figura 10



1. Observe os verbos destacados e responda às questões.

a) Indique o tempo em que esses verbos estão flexionados.

Os verbos *lançou* e *contou* estão no passado; os verbos *entendem* e *compram* estão no presente.

b) Escreva os verbos destacados nos tempos do modo indicativo que você estudou neste capítulo. Siga o exemplo abaixo.

Passado	Presente	Futuro (duas formas)
viram	veem	verão/vão ver

ID/BR

lançou – lança – lançarão/vão lançar; contou – conta – contarão/vão contar; entenderam – entendem – entenderão/vão entender; compraram – compram – comprarão/vão comprar

Fonte: (BARROS, MARIZ E PEREIRA, 2015, p. 70)

A obra de Soares (2002) se propõe inovadora, já que não traz os conteúdos de forma linear e, nas atividades de “reflexão sobre a língua”, há uma observação e análise da língua em uso. Segundo a autora, o tópico **reflexão sobre a língua** visa ao funcionamento da linguagem, ao sistema linguístico, às variedades da Língua Portuguesa e aos diferentes registros. No entanto, a abordagem verbal não traz avanços ao tratar do futuro do presente, nesse item, a autora menciona apenas a forma sintética. Talvez tenha relação com o ano de publicação, que é bem anterior às outras obras analisadas.

Diante do estudo realizado nos livros didáticos selecionados, podemos considerar que houve um pequeno avanço, ao tratar do tempo verbal futuro do presente, uma vez que dos seis livros analisados, três abordaram a forma perifrástica com verbo *ir* como auxiliar + infinitivo do verbo principal. No entanto, são abordagens ainda tímidas, que tratam essa forma apenas como locução verbal. É importante ressaltar que dos três livros que citam a forma perifrástica, dois explicitam que essa forma é utilizada em situações informais, mas em Cereja e Magalhães (2015), a forma perifrástica aparece em um contexto de linguagem formal. Consideramos que há a necessidade de uma atualização dos livros didáticos, de acordo com as pesquisas

linguísticas recentes, pois três dos livros didáticos analisados sequer citam a forma perifrástica do futuro do presente, e apenas um livro trouxe uma reflexão acerca da língua em funcionamento.

Segue abaixo o quadro síntese da visão do livro didático:

Quadro 5: O Olhar do Livro Didático

Autores	**Abordaram a forma perifrástica com verbo ir como auxiliar + infinitivo do verbo principal**	**Aparece em atividades pedagógicas**	**Faz uma reflexão sobre o uso**
Soares (2002)	Não aborda	Não	Não
Carvalho e Delmanto (2012),	A forma perifrástica é abordada (como locução verbal)	Sim	Sim (em uma atividade)
Cereja e Magalhães (2015)	A forma perifrástica é abordada (como locução verbal) Observação: forma utilizada em situações informais.	Sim	Não
Borgatto, Bertini e Marchezi (2015)	A forma perifrástica é abordada (como locução verbal) Observação: forma utilizada em situações informais.	Não	Não
Costa, Marchetti e Soares (2015)	Não aborda	Sim	Não
Barros, Mariz e Pereira (2015),	Não aborda	Sim	Não

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Na próxima subseção, acompanharemos o que diz algumas pesquisas contemporâneas.

3.4 PESQUISAS CONTEMPORÂNEAS

Consideramos relevante o diálogo com pesquisas linguísticas contemporâneas, pois, dessa forma, poderemos contribuir para o avanço das pesquisas acerca do fenômeno estudado. Já encontramos, na literatura linguística, pesquisas recentes acerca do futuro perifrástico com o verbo ir + infinitivo, a saber: (GIBBON, 2000; OLIVEIRA, 2006; BRAGANÇA, 2008; FIGUEREDO, 2015; SILVA, 2016; entre outros).

Gibbon (2000), utilizando o Funcionalismo Linguístico e a Sociolinguística Variacionista, em sua dissertação de mestrado intitulada *A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*, faz um estudo acerca da expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis. Gibbon (2000) utiliza os dados do Projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil). A autora mostra que a forma futuro do presente, em sua forma sintética, está em visível declínio na língua falada de Florianópolis e que uma forma inovadora, a forma perifrástica, constituída do verbo auxiliar IR no presente do indicativo + verbo principal no infinitivo, está tomando seu lugar, sinalizando para uma mudança em progresso:

> Os resultados atestam que o fenômeno em estudo sofre influência de motivações de natureza diversa; semânticas (como, por exemplo, tipo semântico do verbo principal); discursivas (como pessoa do discurso) e formais (como paralelismo formal).Além disso, comprova-se que o fator social idade atua sobre o fenômeno, apontando para uma possível mudança em progresso. (GIBBON, 2000, p. 5)

Em suas considerações finais, Gibbon (2000) aponta alguns desdobramentos possíveis, como, por exemplo, em que medida podemos evidenciar o fenômeno em estudo na escrita escolar, sugestão que faz parte do presente trabalho.

Oliveira (2006), em sua tese de doutorado *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança,* estuda a expressão do futuro verbal na norma culta – utilizada por pessoas com nível superior (curso universitário) completo – falada e escrita de Salvador e do Rio de Janeiro, dentro de uma perspectiva variacionista e funcionalista. Segundo a autora, a substituição da forma de futuro simples pela forma de futuro perifrástico com *ir* + infinitivo revelou-se uma mudança em andamento, corroborando com o estudo de Gibbon (2000). É interessante que a pesquisa de Oliveira (2006) mostra que o futuro perifrástico no português, já atingiu a fala dos mais escolarizados, com base nos dados da chamada norma culta, o que refuta a visão da Tradição Gramatical que, ao citar o futuro perifrástico, afirma que este é utilizado apenas em contextos informais de conversação.

Bragança (2008), em sua dissertação de mestrado *A Gramaticalização do verbo Ir e a Variação de Formas para Expressar o Futuro do Presente: uma fotografia capixaba,* também investiga a variação entre as formas *sintética* e *perifrástica com IR* para expressão do futuro do presente. A pesquisa é composta por entrevistas com informantes universitários e editoriais de jornal, contemplando, assim, o gênero oral e escrito. A autora parte de uma linha teórica funcionalista, em diálogo com a Teoria

Variacionista, mais especificamente com os fundamentos da gramaticalização. Segundo a autora, nas entrevistas, gênero característico da modalidade oral, não houve variação entre as formas, a forma perifrástica com IR no presente foi utilizada em quase 100% das ocorrências. “Esse resultado sugere que, nesta modalidade, estamos diante de um caso de mudança (forma simples > forma perifrástica) no paradigma verbal para a expressão do futuro do presente.” (BRAGANÇA, 2008, p. 137). Já os resultados da análise dos editoriais comprovaram a preferência do gênero ainda pela forma conservadora, a forma sintética. A autora conclui que o tempo futuro ainda merece muitas pesquisas.

Figueredo (2015) realizou uma pesquisa mais próxima do nosso trabalho, uma vez que a autora analisou redações de alunos, na cidade de Irará-Ba, com o intuito de observar a presença do futuro perifrástico em redações escolares, considerando o seu processo de gramaticalização. No entanto, a pesquisa da autora ocorreu em escolas públicas e particulares, e no Ensino Médio, já o nosso estudo se deu apenas na escola pública, e no Ensino Fundamental II. É importante ressaltar também que analisamos produções escritas e orais, enquanto Figueredo (2015) analisou apenas as produções escritas. Entretanto, a autora realizou uma análise mais ampla das produções escritas, já que abarcou o futuro simples, o futuro perifrástico com *ir* no presente + infinitivo, o futuro perifrástico com *ir* no futuro + infinitivo, o presente do indicativo e o futuro gerundivo. A autora mostra que houve uma predominância do futuro simples nas redações escolares analisadas, no entanto, “o percentual de 48% de uso do futuro perifrástico encontrado nos resultados finais desta pesquisa aponta que a forma inovadora, praticamente implementada na língua falada, começa a adentrar a língua escrita escolar.” (FIGUEREDO, 2015, p. 122). Ficou evidente, na pesquisa realizada por Figueredo (2015), que há um processo de mudança em curso.

Em sua dissertação de mestrado, Silva (2016) também investiga as variantes para expressão do futuro, com foco nas ocorrências perifrásticas constituídas pelo verbo ir. Em um plano sincrônico, os dados utilizados na pesquisa foram constituídos de textos extraídos de blogs do município de Vitória da Conquista-BA e de amostras da fala do Português Culto e Português Popular, também de Vitória da Conquista. Foi feito também um exame diacrônico da língua escrita, através da seleção de jornais das décadas de 50, 60, 70, 80 e 90 do século XX. Com base em estudos sociolinguísticos labovianos, no Funcionalismo norte-americano e com um olhar na

Teoria Multissistêmica, a autora, em linhas gerais, sinaliza para uma variação estável e tendências de uso. Do ponto de vista do Funcionalismo, há respaldo para a gramaticalização do verbo ir.

As pesquisas linguísticas recentes confirmam que a expressão do futuro verbal constitui-se como um fenômeno linguístico variável. Todos estes estudos aqui citados e outros com o mesmo tema não podem ser considerados conclusivos, uma vez que são apenas alguns recortes em *corpus* de análise específica. No entanto, tais estudos apontam para o uso cada vez mais frequente do futuro perifrástico com o verbo *ir* como auxiliar + infinitivo do verbo principal, em detrimento do futuro sintético, principalmente na modalidade oral.

Na próxima seção, abordaremos os procedimentos metodológicos utilizados nesse trabalho.

4 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, abordaremos os procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho, a saber: o tipo de pesquisa; o método empregado; a composição dos corpora, como ocorreu a coleta de dados, realizada com os alunos, na modalidade oral e na modalidade escrita; bem como uma entrevista realizada com os professores de Língua Portuguesa da escola onde foi realizada a pesquisa. Também foram considerados, para o nosso estudo, em função da corrente linguística selecionada para a análise dos dados, os fatores linguísticos e os extralinguísticos.

4.1 A PESQUISA E O MÉTODO EMPREGADO

O presente trabalho, *Gramaticalização e Variação na escola: a realização do tempo verbal futuro do presente, nas modalidades oral e escrita da Língua Portuguesa* teve como referencial metodológico a pesquisa quantitativa e qualitativa. Do ponto de vista quantitativo, trabalhamos com percentuais de uso da forma simples do futuro x a forma perifrástica, nas modalidades oral e escrita da língua. Do ponto de vista qualitativo, foi realizada a análise dos resultados encontrados.

Em relação à finalidade da pesquisa, é de natureza aplicada. Para Silveira e Córdova (2009, p. 35), a pesquisa aplicada tem como objetivo gerar conhecimentos para aplicação prática. Nesse sentido, após a concretização da pesquisa, elaboramos um material didático-pedagógico de intervenção, para que o professor tenha subsídios na realização do trabalho com o tempo verbal futuro do presente, nas formas sintética e perifrástica, em conformidade com a Tradição Gramatical, mas, também, em consonância aos usos descritos na língua em uso.

Quanto aos objetivos, é possível classificar a pesquisa como exploratória, já que como afirma Gil (2010), esse tipo de pesquisa propicia maior familiaridade com o problema. No entanto, ainda de acordo com o autor, nem sempre as pesquisas podem ser enquadradas em uma única modalidade.

Segundo o método empregado, realizamos, ainda, uma pesquisa bibliográfica, com base em material já publicado, revisamos a literatura que aborda o fenômeno linguístico em questão, para verificar em que estágio se encontra o conhecimento acerca do tema. Ainda de acordo com o método, seguindo a classificação de Gil (2010), trabalhamos com o levantamento e com a pesquisa-ação. Através do

levantamento foram recolhidas informações acerca dos integrantes do universo pesquisado; e com a pesquisa-ação foi feita uma intervenção, após a análise dos dados e resultados.

Para dar conta da proposta de trabalho, foram analisados oito compêndios da Tradição Gramatical (gramáticas normativas); sete gramáticas da Tradição Linguística; seis livros didáticos do 6º ano, adotados pela escola e aprovados pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático); além de pesquisas contemporâneas, realizadas por (Gibbon, 2000; Oliveira, 2006; Bragança, 2008; Figueredo, 2015; Silva, 2016). Para verificar como se dá a abordagem, em sala de aula, do fenômeno estudado, no Colégio Municipal Deputado Luís Eduardo Magalhães, no município de Piripá-BA, também foram realizadas entrevistas escritas com os professores de língua portuguesa, compreendendo que a atuação do professor é importante na investigação realizada.

Considerando que os fatores linguísticos e extralinguísticos podem favorecer/favorecem o uso da perífrase com o verbo *ir*, foram selecionadas as variáveis linguísticas de marca de futuridade fora do verbo, pessoa verbal e paralelismo formal; e as variáveis extralinguísticas de sexo e zona residencial para compor a pesquisa, agora dissertação.

4.2 COLETA DOS DADOS NA MODALIDADE ESCRITA

Trabalhamos com o 9º ano B, turno matutino, do Colégio Municipal Deputado Luís Eduardo Magalhães, Piripá-BA. Utilizamos as produções escritas de 23 (vinte e três) alunos, divididos em 11 (onze) do sexo masculino e 12 (doze) do sexo feminino, sendo 9 (nove) alunos residentes na zona rural e 14 (catorze) alunos residentes na zona urbana. Solicitamos a esses alunos que produzissem um texto com o tema “A Relação da Humanidade com o Meio Ambiente”. Apresentamos o vídeo “Carta Escrita no Ano 2070” e três textos motivadores. Os alunos deveriam descrever como seria a vida na terra no futuro, diante das ações do homem em relação ao meio ambiente. Dessa forma, os discentes foram provocados a utilizarem o tempo verbal “futuro”. Levando em conta que a gramática normativa influencia a escrita, especialmente a escrita escolar, já que ocorre em um contexto monitorado, foi possível observar como a perífrase com o verbo *ir* está ocorrendo, mesmo em uma situação mais formal, como a escrita de uma redação escolar.

4.3 COLETA DOS DADOS NA MODALIDADE ORAL

A pesquisa com dados da modalidade oral da língua é de extrema relevância, já que esta modalidade nos permite observar a língua em funcionamento, em um contexto menos monitorado que a escrita. Nessa modalidade, foi realizada, com cada aluno da turma, uma entrevista oral. Assim como na produção escrita, o tema da entrevista também foi “A Relação da Humanidade com o Meio Ambiente”, levando em consideração o vídeo “Carta Escrita no Ano 2070”, os textos motivadores da produção escrita e o texto produzido pelos alunos. Mais uma vez, os alunos foram provocados a utilizarem o tempo verbal futuro do presente.

4.4 ENTREVISTA COM PROFESSORES

O nosso banco de dados contou ainda com uma entrevista escrita, realizada com os professores da escola onde ocorreu a pesquisa. O quadro docente da referida escola, que ministra aulas de Língua Portuguesa e Redação, é composto por 7 (sete) professores, os quais foram entrevistados acerca de como é trabalhado em sala de aula o tempo verbal “futuro do presente”. Os professores também foram questionados sobre a abordagem do livro didático utilizado por eles.

Concluída a coleta de dados, foi feita a análise dos resultados alcançados, com vistas à produção de material didático-pedagógico com o objetivo de orientar o professor no trabalho com o tempo verbal futuro do presente, levando em conta o que está acontecendo na língua. Segue na próxima seção a discussão e análise dos dados.

5 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Conforme explicitado na introdução deste trabalho, o nosso objetivo foi investigar a realização do tempo verbal futuro do presente nas produções orais e escritas dos alunos do 9º ano, do Colégio Municipal Deputado Luís Eduardo Magalhães, no município de Piripá-BA. Com essa investigação, buscamos responder: De que forma esses alunos estão realizando o modo verbal futuro do presente nas modalidades oral e escrita da Língua Portuguesa? No início deste trabalho, elencamos as seguintes hipóteses:

1. A forma perifrástica do tempo verbal futuro do presente, com o verbo IR como auxiliar, ocorre nas duas modalidades (oral e escrita). No entanto, aparece com maior frequência na modalidade oral;
2. O fenômeno supracitado não é abordado pelos professores de Língua Portuguesa, ao trabalharem os tempos verbais em sala de aula;
3. Os compêndios gramaticais e livros didáticos não trazem a abordagem do fenômeno estudado, como forma de orientar o trabalho docente.

A partir da análise dos dados que segue nas próximas subseções, nossas hipóteses serão validadas ou refutadas.

Tendo em vista que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (variáveis linguísticas e extralinguísticas), buscamos analisar o fenômeno levando em consideração as variáveis linguísticas, como *marca de futuridade fora do verbo, pessoa verbal* e *paralelismo formal;* e as variáveis extralinguísticas, como *sexo* e *zona residencial.*

Na subseção que segue, serão analisados os dados na modalidade oral, considerando os fatores linguísticos e extralinguísticos.

5.1 RESULADOS DOS DADOS DA MODALIDADE ORAL

Nesta subseção, apresentamos os dados coletados na modalidade oral, através de uma entrevista realizada com a turma do 9º ano B, turno matutino, do Colégio Municipal Deputado Luís Eduardo Magalhães, Piripá-BA.

Na tabela que segue, apresentamos o total de ocorrências do tempo futuro, durante as entrevistas com os alunos.

Tabela 1: Ocorrências totais das variantes de futuro, perifrástica e sintética, encontradas na modalidade oral.

Variante Sintética	Variante Perifrástica	Total de Ocorrências
28/179 15,6%	151/179 84,4%	179 100%

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Percebemos, nessa primeira tabela, de um modo geral, que a frequência das ocorrências na forma perifrástica é muito superior à forma sintética. De 179 ocorrências, 151 estão na forma perifrástica, ou seja, 84,4% do total. Apenas 28 (15,6%) ocorrências aparecem na forma sintética. Com esse resultado, constatamos que a variante perifrástica, inovadora na língua, é muito produtiva por esse grupo analisado em textos da modalidade oral. Resultado que poderia nos provocar a dizer, a partir do recorte na série e cidade onde a pesquisa foi realizada, que há um possível fenômeno de mudança em progresso ocorrendo na forma de futuridade na Língua Portuguesa

5.2 Variáveis linguísticas

Em um processo de variação ou mudança linguística, a análise das variáveis sociais é importante, assim como a análise das variáveis linguísticas, uma vez que esses fatores internos e externos à língua podem reprimir ou impulsionar a mudança linguística. Para análise das variáveis linguísticas, nesta dissertação, selecionamos marca de futuridade fora do verbo, pessoa verbal e paralelismo formal.

5.2.1 Marca de futuridade fora do verbo

A expressão de tempo pode depender de outros elementos, além das marcas morfológicas. Dessa forma, apesar de os morfemas flexionais serem responsáveis pela expressão temporal, a ausência deles pode ser preenchida por outros elementos linguísticos, como advérbios e locuções adverbiais.

De acordo com a nossa hipótese inicial, a marca de futuridade fora do verbo não é condicionante para a realização da perífrase com o verbo *ir*. Essa hipótese foi confirmada, uma vez que, do total de ocorrências perifrásticas, na modalidade oral, em apenas uma ocorrência aparece uma marca de futuridade fora do verbo:

(01) [...] ele tira agora sem pensar no amanhã e **amanhã** não **vai ter** mais. (entrevista oral realizada com os alunos)

Mesmo no exemplo (01), no qual aparece uma marca de futuridade fora do verbo, é possível observar que o advérbio de tempo, nesse caso, também seria utilizado com a variante sintética. Portanto, concluímos que não é o advérbio que está condicionando a perífrase.

5.2.2 Pessoa verbal

A pessoa verbal também pode influenciar o fato anunciado. Assim como Silva (2016), hipotetizamos que as primeiras pessoas do discurso (eu/nós) podem ser condicionantes para a seleção da perífrase, já que estando envolvidos com o evento futuro, podem empregar a perífrase, com o objetivo de ser mais enfáticos.

É importante ressaltar que, nos dados da tabela que segue, apresentamos o termo *pessoa não identificada***,** uma vez que muitos alunos não realizam a concordância do verbo com o seu sujeito, portanto, há casos em que o sujeito não está claro no enunciado, e o verbo está na 3ª pessoa do singular, mas o aluno pode estar se referindo à 1ª pessoa do plural. Cabe ainda esclarecer que estamos considerando, nesta dissertação, a forma *a gente,* como 1ª pessoa do plural, o pronome *você* como 2ª pessoa do singular e *vocês* como 2ª pessoa do plural.

Seguem, na Tabela 2, os dados referentes à pesquisa:

Tabela 2: Pessoa verbal (ocorrências na modalidade oral)

Pessoa Verbal	**Variante Sintética**	**Variante Perifrástica**
Pessoa verbal não identificada	3/28 10,7%	27/151 17,9%
2ª Pessoa do singular (tu/você)	-	2/151 1,3%
3ª Pessoa do singular (ele/ela)	12/28 42,8%	74/151 49%
3ª Pessoa do Plural (eles/elas)	13/28 46,4%	48/151 31,8%
Total de Ocorrências 179	28/179 15,6%	151/179 84,4%

Fonte: Elaborada pela pesquisadora

Apresentamos, na Tabela 2, os dados referentes ao uso da variante sintética e perifrástica, em relação à pessoa verbal, para uma melhor visualização dos dados. No entanto, interessa-nos, nessa análise, verificar se a seleção da pessoa verbal condiciona o uso da perífrase.

A nossa hipótese não foi confirmada, já que as primeiras pessoas do discurso (eu/nós), sequer aparecem nos dados. A terceira pessoa do singular apresenta uma frequência maior, 74 de 151 ocorrências (49%), seguida da terceira pessoa do plural, com 48 de 151 ocorrências (31,8%), sendo, portanto, essas duas pessoas do discurso as que mais favorecem a realização da variante perifrástica de futuro. Em relação aos dados da "pessoa não identificada", é interessante ressaltar que houve uma frequência relevante, 27 de 151 ocorrências (17,9%), o que poderia alterar os dados anteriores, já que essa "pessoa não identificada" poderia se encaixar na terceira pessoa do singular ou terceira pessoa do plural. Acreditamos que a ausência das primeiras pessoas do discurso e o uso frequente das terceiras pessoas (singular e plural) se deu devido à estrutura da proposta da entrevista oral. Com o intuito de provocar o uso do futuro, as perguntas da entrevista oral se basearam no tema "A Relação da Humanidade com o Meio Ambiente", o que levou os alunos a descreverem a natureza no futuro, utilizando, assim, as terceiras pessoas do discurso. O uso da segunda pessoa do singular não foi relevante, já que de 151 ocorrências, apenas duas (1,3%) aconteceram na segunda pessoa do singular. Não houve ocorrências nas demais pessoas do discurso.

5.2.3 Paralelismo formal

O fator paralelismo formal pode motivar o uso de uma forma linguística. Muitas pesquisas recentes têm apontado para uma tendência de repetição de uma forma anteriormente utilizada. Assim, a nossa hipótese é de que uma ocorrência perifrástica desencadearia outra ocorrência perifrástica. De igual modo, uma ocorrência sintética desencadearia outra ocorrência sintética. Alguns sociolinguistas já afirmam que essa variável está caminhando para tornar-se categórica, pois é, com frequência, analisada em diversas pesquisas e o seu uso é ratificado.

Realizamos a entrevista oral com 23 (vinte e três) alunos e foram feitas cinco perguntas a cada um desses alunos. Portanto, para a nossa análise, consideramos

as ocorrências em cadeia, alternadas ou isoladas, dentro de cada resposta. Vejamos exemplos dos tipos de paralelismos selecionados:

a) Ocorrência em cadeia precedida de uma forma perifrástica:

(02) Uma terra desgastada, terra sem produtividade, é.…sem.…sem meios de sobreviver, como **vai ficar** em uma vida...por mais que ele possa ter o dinheiro que for, mais ele **não vai ter** uma qualidade de vida boa, **vai envelhecer** mais cedo, **(...) morrer** mais cedo pelo fato de tirar sem ver o amanhã. Isso **vai afetar** a respiração das pessoas. (entrevista oral realizada com os alunos)

b) Ocorrência em cadeia precedida de uma forma sintética:

(03) Eu acho que devido ao desmatamento as árvores **estarão** escassas, o oxigênio também **ficará** mais [?] e devido à falta de água as pessoas **terão** doenças renais. (entrevista oral realizada com os alunos)

c) Ocorrência alternada:

(04) Eu acho que devido à escassez da água potável nosso corpo **terá** uma aparência diferente, a pele ressecada, as pessoas **vão apresentar** mais velhas do que elas realmente são. (entrevista oral realizada com os alunos)

d) Ocorrência isolada:

(05) Eu acho assim, que **vai ser** muito ruim, porque o ser humano não tá contribuindo com o nosso futuro não. (entrevista oral realizada com os alunos)

(06) É...eu acho que não **terá** mais animais. (entrevista oral realizada com os alunos)

Tabela 3: Paralelismo formal (ocorrências na modalidade oral)

a) Ocorrência em cadeia precedida de uma forma perifrástica	b) Ocorrência em cadeia precedida de uma forma sintética	c) Ocorrência isolada	d) Ocorrência alternada
39/75	8/75	26/75	2/75
52%	10,7%	34,7%	2,7%

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

O resultado da pesquisa confirma a influência do fator paralelismo na seleção das variantes. De 75 respostas analisadas, em 39 (52%) ocorre a variante perifrástica em cadeia e, em 8 (10,7%), ocorre a variante sintética também em cadeia, somando um total de 47 (62,7%) respostas com ocorrências em cadeia. Em relação às

ocorrências isoladas, consideradas neutras pela literatura linguística, tivemos um total de 26 (34,7%) respostas. As ocorrências alternadas se mostraram irrelevantes, uma vez que de 75 respostas, apenas 2 (2,7%) ocorreram de forma alternada.

5.3 Variáveis extralinguísticas

A turma é composta por 23 (vinte e três alunos), sendo 11 (onze) do sexo masculino e 12 (doze) do sexo feminino. Temos 9 (nove) alunos residentes na zona rural e 14 (catorze) alunos residentes na zona urbana. A entrevista foi realizada individualmente e não utilizamos o tempo futuro nas perguntas, para que o aluno não fosse influenciado a utilizar uma ou outra variante. Para a nossa análise, selecionamos as seguintes variáveis extralinguísticas: *sexo* e *zona residencial.*

5.3.1 Sexo

A hipótese inicial é que as mulheres tendem a usar uma forma mais prestigiada, em função da literatura sociolinguística e compreendendo que, atualmente, informantes do sexo feminino têm ocupado funções intelectuais em diversos espaços públicos e privados.

Na tabela 4 estão os dados referentes à variável *sexo*:

Tabela 4: Ocorrências totais das variantes de futuro, perifrástica e sintética, encontradas na modalidade oral (sexo masculino/sexo feminino).

Sexo	Variante Sintética	Variante Perifrástica
11 homens	14/78 17,9%	64/78 82,1%
12 mulheres	14/101 13,9%	87/101 86,1%

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Em relação à variável *sexo,* houve uma porcentagem maior de ocorrências na forma perifrástica nas entrevistas femininas. No entanto, a diferença entre homens e mulheres foi relativamente pequena. De 78 ocorrências nas entrevistas masculinas, 64 (82,1%) se deram na forma perifrástica e 14 (17,9%) na forma sintética. Já nas entrevistas femininas, do total de 101 ocorrências, 87 (86,1%) aparecem na forma perifrástica e 14 (13,9%) na forma sintética. A hipótese de que as mulheres utilizam mais as formas prestigiadas não se confirmou, em relação às variantes sintética e

perifrástica. Acreditamos que não houve uma grande diferença entre homens e mulheres, nem tão pouco um número maior de mulheres utilizando a variante sintética, considerada a forma prestigiada, porque a perífrase com o verbo *ir* não é vista como uma variante estigmatizada. Dessa forma, o uso de uma ou outra forma não sofre preconceitos ou, nos termos labovianos, não pode ser considerada com o valor social de um estereótipo.

5.3.2 Zona Residencial

Além da variável *sexo*, trabalhamos com a variável *urbano/rural.* A hipótese inicial é que os alunos da Zona Rural utilizassem mais a variante perifrástica, devido ao contexto em que estão inseridos. Vejamos os dados na Tabela 5:

Tabela 5: Ocorrências totais das variantes de futuro, perifrástica e sintética, encontradas na modalidade oral (zona residencial).

Zona	Variante Sintética	Variante Perifrástica
Urbana	20/113 17,7%	93/113 82,3%
Rural	8/66 12,1%	58/66 87,9%

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Na tabela 5, das 113 ocorrências do tempo verbal futuro do presente, identificadas nas entrevistas dos alunos residentes na zona urbana, 20 (17,7%) ocorreram na forma sintética e 93 (82,3%) na forma perifrástica. Já nas entrevistas dos alunos residentes na zona rural, de 66 ocorrências do tempo futuro do presente, 8 (12,1%) aparecem na forma sintética e 58 (87,9%) na forma perifrástica. Em termos percentuais, fica evidente que a forma perifrástica é mais frequente nas falas de alunos residentes na zona rural, com 87% das ocorrências, enquanto, nas falas dos alunos da zona urbana, o índice de ocorrência é de 82,3%. A nossa hipótese foi confirmada, no entanto, cabe ressaltar que não há uma grande diferença entre falantes da zona urbana e falantes da zona rural com relação ao uso das duas formas variantes, inovadora e conservadora.

O que fica evidenciado, de fato, em todos os dados das tabelas apresentadas, é que o uso da forma perifrástica é muito superior ao uso da forma sintética, nas produções orais dos nossos alunos. Assim, podemos afirmar que, na modalidade oral,

o uso da forma perifrástica do futuro do presente, com o verbo *IR* como auxiliar + infinitivo do verbo principal, pode ser considerado como uma estrutura de futuro nos usos concretos da língua em funcionamento.

Na próxima subseção, apresentaremos os resultados dos dados colhidos na modalidade escrita.

5.4 RESULTADOS DOS DADOS DA MODALIDADE ESCRITA

Os resultados da modalidade oral apontam para o uso recorrente da forma perifrástica, resultado já esperado, de acordo com as nossas observações no cotidiano da sala de aula. Acompanhemos, agora, os resultados obtidos na modalidade escrita.

Tabela 6: Ocorrências totais das variantes de futuro, perifrástica e sintética, encontradas na modalidade escrita.

Variante Sintética	Variante Perifrástica	Total de Ocorrências
73/111 66%	38/111 34%	111 100%

Fonte: Elaboração da pesquisadora.

Na modalidade escrita, de um total de 111 ocorrências, 73 (66%) aparecem na forma sintética e 38 (34%) na forma perifrástica. Já era esperado, na modalidade escrita, um número superior de ocorrências na forma sintética. No entanto, o uso da forma perifrástica nas produções escritas se mostra presente em mais de um terço das produções, ou seja, a forma perifrástica, já consagrada na modalidade oral, está adentrando a modalidade escrita, o que nos permite inferir que, paulatinamente, será uma forma aceita sem estigmas na modalidade escrita em gêneros escolares. Mais uma vez, é reforçada a ideia de que a forma é considerada, em termos labovianos, como um marcador, no qual o informante pode utilizar uma forma ou outra como recurso estilístico e não como um estereótipo, com significado social negativo.

5.5 Variáveis linguísticas

Assim como na modalidade oral, na modalidade escrita também selecionamos marca de futuridade fora do verbo, pessoa verbal e paralelismo formal.

5.5.1 Marca de futuridade fora do verbo

Consideramos que a variável *marca de futuridade fora do verbo* não condiciona a perífrase, em textos escritos, já que esta variável não aparece em nenhum texto analisado. Portanto, a nossa hipótese foi confirmada tanto na modalidade oral, quanto na modalidade escrita.

5.5.2 Pessoa verbal

Vejamos abaixo o resultado da seleção de pessoa verbal na modalidade escrita.

Tabela 7: Pessoa verbal (ocorrências na modalidade oral)

Pessoa Verbal	**Variante Sintética**	**Variante Perifrástica**
Pessoa verbal não identificada	2/73 2,7%	1/38 2,7%
1ª Pessoa do singular	1/73 1,4%	-
2ª Pessoa do singular (tu/você)	2/73 2,7%	1/38 2,7%
3ª Pessoa do singular (ele/ela)	27/73 37%	18/38 47,3%
3ª Pessoa do Plural (eles/elas)	41/73 56%	18/38 47,3%
Total de Ocorrências 179	73/111 66%	38/111 34%

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Ressaltamos, mais uma vez que, a análise de pessoa verbal foi realizada com a variante perifrástica, a apresentação dos dados da variante sintética, na Tabela 7, é apenas para fornecer uma visão geral dos dados. Assim como na modalidade oral, a nossa hipótese também não foi confirmada na modalidade escrita, já que aparece apenas uma ocorrência na 1ª pessoa do singular. Os demais dados se assemelham aos dados da modalidade oral. Com maior frequência de ocorrências a 3ª pessoa do singular e do plural, ambas com 18 (47,3%) ocorrências cada, de um total de 111 ocorrências. Na 2ª pessoa do singular, apareceu apenas uma ocorrência.

É interessante notar que, na modalidade escrita, acontece apenas uma ocorrência com “pessoa não identificada”, ao passo que, na modalidade oral, houve um percentual relevante de ocorrências com “pessoa não identificada”.

5.5.3 Paralelismo formal

Na modalidade escrita, analisamos as produções textuais de 23 (vinte e três) alunos. Realizamos a pesquisa analisando o paralelismo formal em cada parágrafo.

Portanto, foram analisados um total de 50 (cinquenta) parágrafos, nos quais encontramos ocorrências do tempo verbal futuro do presente. A influência do paralelismo formal também foi verificada na modalidade escrita, assim como constatamos na modalidade escrita. Vejamos os dados na Tabela 8:

Tabela 8: Paralelismo formal (ocorrências na modalidade escrita)

a) Ocorrência em cadeia precedida de uma forma perifrástica	b) Ocorrência em cadeia precedida de uma forma sintética	c) Ocorrência isolada	d) Ocorrência alternada
9/50	19/50	16/50	6/50
18%	38%	32%	12%

Fonte: Elaborada da pesquisadora.

Esse resultado corrobora com o resultado da modalidade oral. Em 50 (cinquenta) parágrafos analisados, encontramos 9 (18%) ocorrências perifrásticas em cadeia e 19 (38%) ocorrências sintéticas em cadeia, o que equivale a 56% do total de ocorrências. Foram 16 (32%) ocorrências isoladas e apenas 6 (12%) ocorrências alternadas.

5.6 Variáveis extralinguísticas

Após a análise das variáveis linguísticas, na modalidade escrita, vamos analisar as variáveis extralinguísticas *sexo* e zona *residencial.*

5.6.1 Variável sexo

Na Tabela 9, vejamos os dados da variável *sexo*:

Tabela 9: Ocorrências totais das variantes de futuro, perifrástica e sintética, encontradas na modalidade escrita (sexo masculino/sexo feminino).

Sexo	Variante Sintética	Variante Perifrástica
11 homens	43/62 69%	19/62 31%
12 mulheres	30/49 61%	19/49 39%

Fonte: Elaborada da pesquisadora.

Assim como nas produções orais, na modalidade escrita, a porcentagem de ocorrências perifrásticas também foi superior nas produções textuais femininas. De 49 (quarenta e nove) ocorrências, 19 (39%) aparecem na forma perifrástica e 30 (61%) na forma sintética. Enquanto nas produções masculinas, de 62 (sessenta e duas) ocorrências, 19 (31%) aparecem na forma perifrástica e 43 (69%) na forma sintética.

Fica evidenciado, de acordo com os dados das produções orais, somados aos dados das produções escritas, que as mulheres estão utilizando mais a forma perifrástica do que os homens. Hipotetizamos, fazendo referência aos estudos labovianos, que o uso dessa forma inovadora acontece no sexo feminino de forma significativa em relação ao sexo masculino, devido a forma perifrástica não trazer, em seu uso, valor estigmatizado, conforme já ressaltado na análise dos dados orais.

5.6.2 Variável Zona Residencial

Vejamos, agora, os dados referentes à variável *urbano/rural* na Tabela 10:

Tabela 10: Ocorrências totais das variantes de futuro, perifrástica e sintética, encontradas na modalidade escrita (zona residencial).

Zona	Variante Sintética	Variante Perifrástica
Urbana	43/52 83%	9/52 17%
Rural	30/59 51%	29/59 49%

Fonte: Elaborada da pesquisadora.

Em relação à variável *urbano/rural,* na modalidade escrita, os dados apontam para um resultado surpreendente. Assim como na modalidade oral, as produções escritas dos alunos da zona rural também apresentam uma porcentagem maior de ocorrências perifrásticas. No entanto, o índice de ocorrências perifrásticas nas produções dos alunos da zona rural é muito superior à zona urbana. De 59 (cinquenta e nove) ocorrências, 29 (49%) aparecem na forma perifrástica e 30 (51%) na forma sintética. Enquanto nas produções dos alunos da zona urbana, de 52 (cinquenta e duas) ocorrências, 9 (17%) aparecem na forma perifrástica e 43 (83%) na forma sintética. Quase metade das ocorrências, nas produções dos alunos da zona rural, aparece na forma perifrástica.

O que nos leva a pensar, em função dos resultados encontrados nas ocorrências analisadas que, na zona rural, a forma inovadora está mais avançada que na zona urbana, não apenas na modalidade oral, mas também na modalidade escrita.

5.7 Síntese dos dados

Com o objetivo de sintetizar os dados para uma visão geral dos resultados da pesquisa, elaboramos um quadro síntese do resultado das variáveis linguísticas e das variáveis extralinguísticas na modalidade oral e na modalidade escrita. Elaboramos, também, dois gráficos do resultado geral de ocorrências perifrásticas e sintéticas na modalidade oral e na modalidade escrita a fim de propiciar uma melhor visualização dos resultados encontrados.

Acompanhemos, nos Quadros 6 e 7, a síntese dos resultados já discutidos anteriormente:

Quadro 6: Síntese do resultado das variáveis linguísticas

VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS		
VARIÁVEL	**MODALIDADE ORAL**	**MODALIDADE ESCRITA**
Marca de futuridade fora do verbo	De acordo com os dados da pesquisa, a marca de futuridade fora do verbo não condiciona a perífrase nos textos orais.	A marca de futuridade fora do verbo também não favorece a perífrase nos textos escritos.
Pessoa verbal	Nas amostras analisadas, foi a 3ª pessoa do singular (49%), seguida da 3ª pessoa do plural (31,8%), que favoreceram a perífrase.	Na modalidade oral também foi a 3ª pessoa do singular (47,3%) e a 3ª pessoa do plural (47,3%) que favoreceram a perífrase, com a mesma porcentagem.
Paralelismo Formal	O resultado da pesquisa confirma a influência do fator paralelismo na seleção das variantes. 62,7% das ocorrências se apresentaram em cadeia.	Assim como na modalidade oral, a influência do paralelismo na seleção das variantes, também se confirma na modalidade escrita, com 56% das ocorrências em cadeia.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

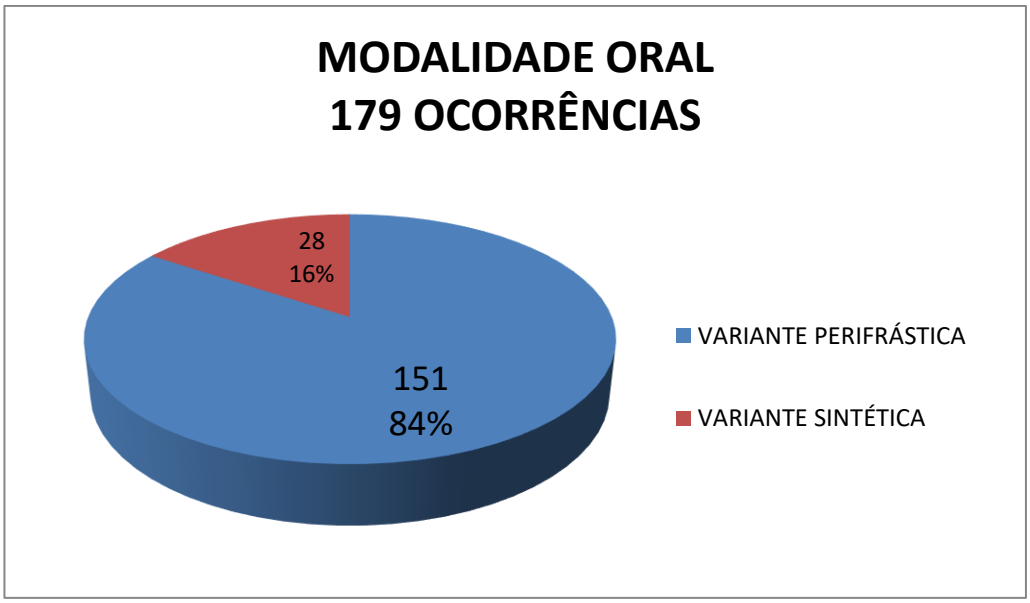
Quadro 7: Síntese do resultado das variáveis extralinguísticas

VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS		
VARIÁVEL	**MODALIDADE ORAL**	**MODALIDADE ESCRITA**
Sexo	As mulheres estão utilizando mais a forma perifrástica, mas a diferença é pequena, em 86,1% das ocorrências, enquanto os homens têm um percentual de 82,1%.	Na modalidade escrita as mulheres também estão utilizando mais a perífrase, em 39% das ocorrências, enquanto os homens têm um percentual de 31%.
Zona residencial	Os falantes da Zona Rural estão utilizando mais a perífrase, em 87,9% das ocorrências, enquanto os falantes da Zona Urbana têm um percentual de 82,3%.	Na modalidade escrita, os residentes da Zona Rural também estão usando mais a perífrase, porém, com um percentual muito maior do que na modalidade oral, em 49% das ocorrências, enquanto os residentes da Zona Urbana têm um percentual de 17%.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

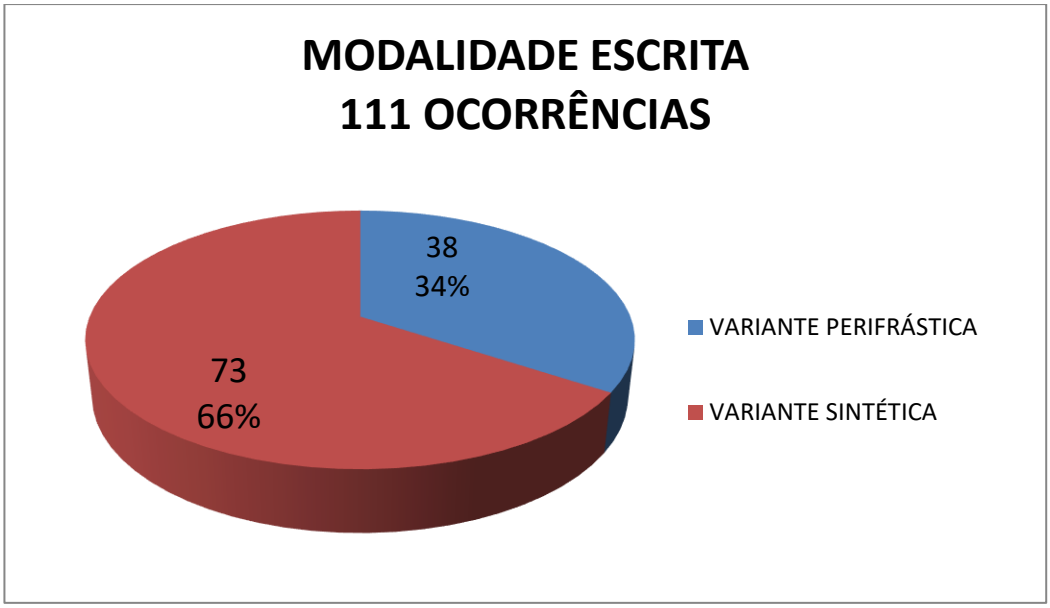
Após análise dos dados na modalidade oral e na modalidade escrita, podemos validar a hipótese de que a forma perifrástica do tempo verbal futuro do presente, com o verbo IR como auxiliar, ocorre nas duas modalidades, oral e escrita. No entanto, aparece com maior frequência na modalidade oral. Vejamos nos gráficos 01 e 02, como esse resultado está apresentado:

Gráfico 01: Ocorrências das variantes na modalidade oral



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Gráfico 02: Ocorrências das variantes na modalidade escrita



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Considerando que as discussões já foram realizadas anteriormente, nesse momento, apenas nos preocupamos em expor, para uma melhor visualização dos resultados, o que foi por nós encontrado na pesquisa ora realizada.

Na subseção seguinte, serão apresentados os resultados da entrevista escrita, realizada com os sete docentes que trabalham na escola em que realizamos a pesquisa.

5.8 RESULTADOS DA ENTREVISTA COM OS DOCENTES

Optamos por realizar uma pesquisa com os docentes, além de colher apenas os dados dos textos produzidos pelos alunos, porque entendemos que a abordagem que cada professor realiza em sala de aula é de fundamental importância na reflexão que o aluno faz acerca da língua. Acreditamos, que além da atividade de intervenção aplicada na turma, o material dessa pesquisa vai ajudar muitos docentes no trabalho com o tempo verbal futuro do presente e suas possibilidades de uso.

Após reunião com os sete docentes, para exposição sobre a pesquisa, entregamos a cada um uma cópia da entrevista, para que respondessem. Conscientizamos os docentes acerca da importância da veracidade das respostas, para que a pesquisa, de fato, esteja focada na realidade da prática pedagógica dos docentes. Vejamos a entrevista realizada com os docentes:

Figura 11

ENTREVISTA COM PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

TEMA: O Tempo Verbal Futuro do Presente

Nas Gramáticas Normativas, a rigor, ao falar sobre o tempo Futuro, apenas é mencionado o Tempo Verbal Futuro do Presente, por exemplo: *Eu cantarei*. No entanto, ao lado dessa definição, na língua em uso, percebemos que os nossos alunos, quer seja na modalidade oral ou na modalidade escrita, utilizam outras formas para fazerem referência ao futuro, como, por exemplo: *Eu vou cantar*. Essa forma perifrástica, com o verbo IR como auxiliar, tem sido bastante recorrente. Diante disso, gostaríamos de saber, nessa pesquisa:

1. Como, no livro didático, utilizado por você é abordado o tempo futuro?

2. Você segue apenas o livro didático para trabalhar com os tempos verbais ou busca apoio em outros materiais didático pedagógicos? Caso sua resposta seja afirmativa, quais?

3. Você tem lido alguma pesquisa recente acerca do uso do **futuro do presente?** Caso tenha lido, quais? A sua prática pedagógica tem sido influenciada por essas leituras?

4. Ao trabalhar o tempo verbal **futuro do presente**, como o assunto é exposto em sala de aula? A forma perifrástica (Eu *vou viajar* na próxima semana) é abordada ou apenas a forma sintética (Eu *viajarei* na próxima semana), trazida pela gramática normativa?

5. As atividades realizadas com os alunos envolvem a forma perifrástica ou apenas a forma sintética?

6. Você já refletiu sobre o uso da forma perifrástica com o verbo *IR* como auxiliar, mais infinitivo do verbo principal?

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Na primeira questão, cinco docentes responderam que os livros utilizados por eles, ao abordar o futuro, traziam apenas a forma sintética. Enquanto dois docentes disseram que o futuro perifrástico era abordado de forma superficial, como uma locução verbal, e apenas para o uso na linguagem informal.

Ao serem questionados, na segunda questão, sobre o uso de outros materiais didático-pedagógicos, 5 (cinco) docentes afirmaram utilizar outros materiais, além do livro didático. Citaram, entre outros, músicas, quadrinhos, charges, conversação cotidiana, gramáticas normativas, internet, revistas, anúncios publicitários, jornais, vídeos, outros livros didáticos etc. Dois (2) docentes afirmaram que utilizavam apenas o livro didático como base. No entanto, um deles frisou que costuma chamar a atenção para o uso informal, que seria a forma perifrástica.

A questão três mostra o afastamento dos docentes do universo acadêmico e das pesquisas linguísticas recentes, uma vez que todos responderam que nunca leram nenhuma pesquisa recente acerca do uso do futuro do presente. Cabe ressaltar que uma professora comentou que a nossa entrevista estava servindo de motivação e que a influenciou à prática de estudo e pesquisa.

Na quarta questão, todos afirmaram abordar a forma perifrástica em sala de aula. No entanto, essa abordagem é feita de forma generalizada, sem enfatizar o tempo verbal futuro do presente. Também disseram que abordam como uma estrutura informal.

Em relação às atividades realizadas com os alunos, questão cinco, todos responderam que trabalham com as duas formas, a sintética e a perifrástica, no entanto, prevalece o trabalho com a forma sintética. Notamos nas respostas dadas que a forma perifrástica, na maioria das vezes, é abordada nas atividades, com o intuito de reescrita para a forma sintética, sem maiores discussões sobre o seu amplo uso em textos orais e escritos, e sem esclarecimentos sobre a sua construção.

Na sexta e última questão, ao serem questionados se já haviam refletido acerca do uso da forma perifrástica com o verbo *ir* como auxiliar + infinitivo do verbo principal, 4 (quatro) docentes disseram que não e 3 (três) docentes disseram que sim, mas não de forma aprofundada. Uma professora comentou a importância de pesquisas como essa, que mergulham mais profundamente em questões linguísticas, trazendo à tona possibilidades de uso da língua consagradas pelos falantes, mas ainda pouco ou nada reconhecidas pela gramática tradicional.

Diante do que foi exposto, a nossa hipótese, de que a forma perifrástica do futuro do presente não é abordada pelos professores de Língua Portuguesa, ao trabalharem os tempos verbais em sala de aula, não foi completamente validada, uma vez que todos afirmaram abordar o fenômeno. No entanto, podemos afirmar, com base nas respostas dadas, que ainda é uma abordagem superficial, baseada apenas no que diz o livro didático, que traz a forma perifrástica como uma informalidade, utilizada apenas na fala cotidiana. Os dados da nossa pesquisa estão comprovando que a perífrase verbal já adentrou a escrita, inclusive em situações formais. Os textos produzidos pelos alunos confirmam essa afirmação. Na seção três ao discorrer sobre "O Olhar da Tradição Gramatical", também observamos o uso do futuro perifrástico na própria gramática normativa.

Ainda, na seção três, validamos a hipótese de que os compêndios gramaticais e livros didáticos não trazem a abordagem do fenômeno estudado, como forma de orientar o trabalho docente. Além disso, a entrevista com os docentes também colaborou para a validação dessa hipótese.

Percebemos alguns avanços na prática pedagógica de alguns docentes, uma vez que estão buscando outros materiais didático-pedagógicos, além do livro didático. Estão trabalhando com gêneros textuais diversificados, que abordam a língua em funcionamento, dentro de um contexto de uso social. Ainda assim há a necessidade de se avançar mais, já que também percebemos que as pesquisas linguísticas recentes ainda estão longe do contexto da escola pública.

Tendo em vista a importância de integrar teoria e prática, segue, na próxima seção, a proposta de intervenção didático-pedagógica.

6 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

Antes de apresentar uma proposta de atividade didático pedagógica, é preciso refletir, em linhas gerais, sobre o que foi abordado anteriormente. Na Tradição Gramatical, apesar de alguns autores citarem a forma perifrástica, não concebem essa estrutura como uma estrutura de futuro. Ao abordarem a forma perifrástica, enfatizam que esta é utilizada apenas para uma ação futura imediata e em contextos de conversação, mas os próprios autores utilizam a forma perifrástica em suas descrições. Diferentemente da Tradição Gramatical, a maioria dos autores da Tradição Linguística reconhece o futuro perifrástico com o verbo *ir* + infinitivo como uma estrutura de futuro.

Na análise dos livros didáticos, observamos que houve um avanço, no que diz respeito à abordagem da categoria verbo, uma vez que algumas das obras analisadas trazem a estrutura perifrástica (como locução verbal), inclusive em atividades didático pedagógicas. Talvez tenha relação com as pesquisas linguísticas recentes, já que a única obra analisada, que não cita a forma perifrástica é de 2002, enquanto as demais são mais recentes (2012 e 2015). Ainda é uma abordagem tímida, mas é um respaldo para o professor aprofundar a reflexão acerca das diferentes formas de se realizar o futuro na língua portuguesa. Consideramos que há a necessidade de uma atualização dos livros didáticos, de acordo com as pesquisas linguísticas recentes, pois apenas um livro trouxe uma reflexão acerca da língua em funcionamento.

Já as pesquisas linguísticas recentes trazem estudos que comprovam o uso frequente da forma perifrástica com o verbo *ir* + infinitivo do verbo principal, principalmente na modalidade oral, mas, mesmo em menor proporção, essa estrutura também está sendo utilizada na modalidade escrita. Complementando essas pesquisas, o nosso estudo confirma o uso recorrente da forma perifrástica, tanto na oralidade quanto na escrita, sendo nessa última menos recorrente.

Diante desse fenômeno linguístico, que está ocorrendo na língua em funcionamento, propomos, a seguir, uma atividade didático pedagógica que atenda ao estudo metalinguístico e epilinguístico da língua, em relação à categoria verbal, especificamente o futuro do presente. Ressaltamos que, segundo Souza (2005), nas atividades epilinguísticas não há preocupação com categorização, classificação ou sistematização sobre regularidades da língua. São atividades que privilegiam recursos

expressivos da língua, que estão disponíveis a todo usuário competente. Enquanto nas atividades metalinguísticas a intenção é a categorização e sistematização dos elementos linguísticos, com o objetivo de conhecer conceitos e regras. Para a autora e para os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa), as atividades epilinguísticas devem ser priorizadas nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Vejamos a proposta de atividade.

6.1 ATIVIDADE APLICADA NA TURMA

PLANO DE AULA

1. IDENTIFICAÇÃO

Escola: Colégio Municipal Deputado Luís Eduardo Magalhães

Curso: Ensino Fundamental II

Disciplina: Língua Portuguesa

Carga horária: 5 aulas de 50 minutos

Série: 9º Ano B

Ano: 2017

Professora: Ramilda Viana Gomes da Silva

2. OBJETIVO GERAL

● Refletir acerca do uso do tempo verbal futuro do presente e a possibilidade de realizá-lo de maneiras distintas.

3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

● identificar os tempos verbais, observando forma e função;

● perceber as diferentes formas de expressar o futuro no modo indicativo;

● observar a forma mais recorrente e seus contextos de uso;

● estudar o tempo verbal futuro (modo indicativo) em diferentes gêneros textuais.

4. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

● O tempo verbal futuro do presente (modo indicativo)

5. METODOLOGIA

1º momento (3 aulas)

(atividade de introdução)

Aula 1

→ A turma será dividida em 4 grupos, cada grupo receberá (após um sorteio) uma das afirmações abaixo:

"A escola passará por uma reforma no pátio"	*"A praça, em frente à escola, passará por uma reforma"*
"A quadra, em frente à escola, passará por uma reforma"	*"O Colégio Mun. Dep. Luís Eduardo Magalhães, interditado há quase 13 anos, passará por uma reforma"*

→ Em seguida, o professor solicitará aos grupos que criem um vídeo, de no máximo 3 minutos, para dizer quais serão as reformas de cada ambiente.

Observação: Os grupos serão orientados, previamente, para trazerem os celulares, com os quais farão os vídeos. A aula, nesse momento, será fora da sala de aula, tendo em vista que os locais descritos para a gravação dos vídeos estão situados no entorno da escola.

→ Será criado um grupo da turma no *whatsapp,* onde serão compartilhados os vídeos dos 4 grupos. Após todos os grupos postarem seus vídeos, cada grupo vai assistir ao seu próprio vídeo e anotar todos os verbos que aparecem no futuro. Na próxima aula o professor trará os vídeos de todos para passar no *data show.*

Aula 2

→ A aula será iniciada com os vídeos dos grupos e o comentário sobre as anotações dos alunos. E em seguida o professor discutirá oralmente com a turma:

- O número de ocorrências de verbos no futuro foi relevante? Por quê?
- Ao escrever sobre um acontecimento no futuro, há possibilidades de realizá-lo de maneiras distintas. Quais são essas possibilidades?
- E o que difere essas possibilidades entre si?
- Quais efeitos de sentido para o uso do tempo futuro?

→ Após a discussão oral, o professor fará uma exposição sobre o tempo futuro no modo indicativo e entregará uma atividade impressa individual para os alunos responderem (envolvendo questões metalinguísticas e epilinguísticas, além de compreensão textual).

Observação: atividade anexa

Aula 3

→ A atividade impressa será finalizada e feita uma correção participada.

2º momento (2 aulas)

Aula 4

→ Será entregue a cada aluno a imagem de um pacote diferente de *Açúcar Nicola* das coleções “Hoje é o dia” e “Hoje é a noite”.

Observação: Nesses pacotes terão frases: no *presente* do indicativo (expressando o futuro), no futuro do presente (utilizando a construção perifrástica ir + infinitivo) e futuro do presente (construção sintética). Vejamos os exemplos:

Figura 12

Fonte: https://www.olx.pt/lazer/coleccoes-antiguidades/q-nicola-pacotes-de-acucar/> Acesso em 14 de abril de 2018.

→ Pedir a cada aluno que leia sua frase. Durante a leitura o professor vai escrever no quadro três frases lidas pelos alunos (com as três formas de realização do futuro).

→ Pedir aos alunos que, individualmente, escrevam uma frase do mesmo tipo, começada por «Um dia...» ou «Uma noite...» e expressando algo que pretendam fazer no futuro, tendo em conta o exemplo das frases dadas.

Aula 5

→ Pedir aos alunos que leiam as frases que escreveram. À medida que os alunos leem as suas frases, desenhar um esquema como o que se segue (utilizar algum exemplo dos pacotes de Açúcar Nicola):

Um dia	Bebo	café sem açúcar
	vou beber	
	Beberei	

→ Realizar uma síntese sobre as diferentes realizações do tempo futuro (no indicativo).
→ Para finalizar, cada aluno vai escolher uma forma de realização do futuro e enviar uma frase no grupo de *whatsapp* da turma, uma espécie de mensagem com previsões (desejos) de bons acontecimentos.

Atenção! O importante nesta atividade não é que o professor utilize estes termos (presente do indicativo, construção perifrástica e futuro do indicativo) com os alunos. O que interessa é, sobretudo, o uso que possam fazer destas diferentes formas de construir o futuro. Pretende-se que os alunos possam distingui-las e construir frases com elas. O seu nome é informação que pode ser usada, mas que não deve constituir a tônica do trabalho com os alunos.

6. RECURSOS

● Quadro; pincel; *data show;* celular; internet; atividade impressa; música “Herdeiros do Futuro” de Toquinho (áudio); e imagens de pacotes de *Açúcar Nicola* das coleções “Hoje é o dia” e “Hoje é a noite”.

7. AVALIAÇÃO

● A avaliação será processual, com base nas atividades desenvolvidas durante as cinco aulas (vídeo em grupo, participação oral, atividade impressa individual, atividade com os pacotes de Açúcar Nicola).

8. REFERÊNCIAS

https://profsimonepaulino.wordpress.com/2013/06/04/exerccios-sobre-verbo-e-locuo-verbal/. Acesso em 31 de outubro de 2016.

http://atividadesdeportugueseliteratura.blogspot.com.br/2015/11/exercicios-sobre-verbo-e-modos-verbais.html. Acesso em 31 de outubro de 2016.

CARVALHO, Nuno. Instrução em Sala de Aula. PROJETO: Estratégias e materiais de ensino-aprendizagem para Português Língua Não Materna (PLNM). Atividade 3 – O Futuro: *um dia*... http://www.iltec.pt/site-PLNM/cd-PLNM/actividades/brochura-3-atividade-3.pdf. Acesso em 21 de agosto de 2017.

http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=31089. Acesso em 14 de outubro de 2017.

6.1.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ATIVIDADE APLICADA

A intenção de introduzir a atividade fora da sala de aula e utilizando um recurso tecnológico como o celular, para produzir o vídeo, foi despertar o interesse dos alunos, tendo em vista que eles adoram produzir vídeos utilizando o celular. O objetivo de criar um grupo de *whatsapp* também foi tornar as aulas mais dinâmicas e interessantes para os educandos, já que as novas tecnologias fazem parte do mundo da maioria dos alunos.

A escolha dos pacotes de Açúcar Nicola também não foi aleatória. Nicola é uma marca portuguesa bastante conhecida, que começou por inspiração do Café Nicola de Lisboa, local de encontro de vários escritores e poetas portugueses conhecidos no século XIX. A campanha *Encontros Perfeitos* é uma campanha que tem sido desenvolvida ao longo dos tempos e trouxe as séries «Um dia...» e «Uma noite...», com frases inspiradoras feitas pelos consumidores. Assim, são frases de desejos reais, produzidas pelos próprios consumidores, que mostram o uso real da língua escrita.

Para realizar a proposta de atividade impressa, fizemos algumas adaptações. Na primeira questão trabalhamos com a música *Herdeiros do Futuro* de Toquinho, as questões iniciais, voltadas para compreensão textual, adaptamos de uma atividade de um *blog*, mas elaboramos as questões voltadas para reflexão sobre a língua. A 2ª e a 3ª questão também foram retiradas de um *blog*, mas fizemos as alterações necessárias. Utilizamos os gêneros textuais

música e quadrinhos. Buscamos mostrar com essa atividade que é possível trabalhar a língua em seu contexto de uso, ao realizar uma atividade que apresenta uma estrutura verbal já consagrada pelos usuários da Língua Portuguesa, a perífrase com o verbo *ir* + infinitivo do verbo principal, para realizar o tempo futuro do presente.

Esperamos com essa proposta de atividade contribuir com a prática pedagógica de professores da Educação Básica, uma vez que o fenômeno linguístico abordado está ocorrendo nas produções de nossos alunos, sendo necessário um suporte didático para que o professor possa trabalhar o fenômeno com segurança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo estabelecido no início desta pesquisa se constituiu em investigar a realização do tempo verbal futuro do presente, nas produções orais e escritas dos alunos do 9º ano, do Colégio Municipal Deputado Luís Eduardo Magalhães, no município de Piripá-BA. Observamos, nas produções orais e escritas dos nossos alunos um frequente uso da variante perifrástica, com o verbo IR como auxiliar, em detrimento da variante sintética, prevista pela gramática normativa. Inicialmente, hipotetizamos que a forma perifrástica do tempo verbal futuro do presente, com o verbo IR como auxiliar, ocorre nas duas modalidades (oral e escrita), no entanto, aparece com maior frequência na modalidade oral; o fenômeno supracitado não é abordado pelos professores de Língua Portuguesa, ao trabalharem os tempos verbais em sala de aula; os compêndios gramaticais e livros didáticos não trazem a abordagem do fenômeno estudado, como forma de orientar o trabalho docente.

Isso posto, faremos algumas ponderações sobre o que discutimos ao longo da pesquisa: Percorremos alguns pressupostos teóricos, acerca da variação e mudança linguística, passando pela Sociolinguística, Funcionalismo e ancorando ao Sociofuncionalismo, corrente teórica que deu conta da pesquisa aqui desenvolvida. Realizamos uma breve abordagem sobre os caminhos percorridos pela expressão do futuro na Língua Portuguesa, do Latim Clássico ao Português Brasileiro contemporâneo. Pesquisamos como o fenômeno estudado é visto na Tradição Gramatical, na Tradição Linguística, no livro didático e em pesquisas linguísticas contemporâneas.

De acordo com a nossa pesquisa, na Tradição Gramática, apesar de alguns autores citarem a forma perifrástica, eles não concebem essa estrutura como uma estrutura de futuro, e enfatizam que a forma perifrástica é utilizada apenas em contextos de conversação e para uma ação futura imediata. Diferente da Tradição Gramatical, na Tradição Linguística, a maioria dos autores abordam a variante perifrástica e a reconhecem como uma estrutura de futuro. Na análise realizada no livro didático, podemos considerar que houve um pequeno avanço, já que três, dos seis livros pesquisados, abordam a variante perifrástica. No entanto, ainda é uma abordagem tímida, seguindo os mesmos preceitos da gramática normativa. Cabe ressaltar que apenas uma obra faz uma reflexão sobre a língua em seus usos

concretos. Em relação às pesquisas linguísticas recentes, podemos constatar que essas confirmam que a expressão do futuro verbal se constitui como um fenômeno linguístico variável e apontam para o uso cada vez mais frequente do futuro perifrástico com o verbo ir como auxiliar + infinitivo do verbo principal, em detrimento do futuro sintético, principalmente na modalidade oral.

Após a coleta e a análise dos dados, ficou evidenciado que o uso da forma perifrástica é muito superior ao uso da forma sintética, nas produções orais dos nossos alunos. Assim, podemos afirmar que, na modalidade oral, o uso da forma perifrástica do futuro do presente, com o verbo IR como auxiliar + infinitivo do verbo principal, pode ser considerado como uma estrutura de futuro nos usos concretos da língua em funcionamento. Como já era esperado, na modalidade escrita, há um número superior de ocorrências na forma sintética. No entanto, o uso da forma perifrástica nas produções escritas se mostra presente em mais de um terço das produções, ou seja, a forma perifrástica, já consagrada na modalidade oral, está adentrando a modalidade escrita. Após análise dos dados na modalidade oral e na modalidade escrita, podemos validar a hipótese de que a forma perifrástica do tempo verbal futuro do presente, com o verbo IR como auxiliar, ocorre nas duas modalidades (oral e escrita). No entanto, aparece com maior frequência na modalidade oral. Em relação à nossa segunda hipótese, percebemos alguns avanços na prática pedagógica de alguns docentes, uma vez que estão buscando outros materiais didático-pedagógicos, além do livro didático. Estão trabalhando com gêneros textuais diversificados, que abordam a língua em funcionamento, dentro de um contexto de uso social. Ainda assim, há a necessidade de se avançar mais, já que também percebemos que as pesquisas linguísticas recentes ainda estão longe do contexto da escola pública. A nossa última hipótese também foi confirmada, já que os compêndios gramaticais e livros didáticos, mesmo aqueles que abordam a variante perifrástica, não orientam o trabalho docente, em relação à esta variante.

Apesar do título, essas não são considerações finais, posto que a pesquisa não se finda, a reflexão e discussão do tema não se esgotam. É como uma imensa colcha de retalhos, na qual cada pesquisador costura um ou alguns retalhos, e a colcha vai se formando, com diversas contribuições.

Esperamos com esta dissertação contribuir com a prática docente de educadores da Educação Básica, especialmente das escolas públicas. Fica aqui o

convite àqueles que desejam contribuir com a ampliação dos estudos relacionados a esse fenômeno linguístico. O campo de pesquisa ainda é vasto, talvez fosse interessante alargar a pesquisa no universo docente. Qual a avaliação que os docentes fazem desse fenômeno? Em suas produções orais e escritas os docentes utilizam a variante perifrástica? Fica a sugestão de uma pesquisa que responda esses e outros questionamentos.

*O Futuro **será** ou o futuro **vai ser**?*

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa.* 45.ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

ARAÚJO, Silvana; LUCCHESI, Dante. A Teoria da Variação Linguística. Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>. Acesso em 20 de novembro de 2017.

BAGNO, Marcos. *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro.* São Paulo: Parábola Editorial, 20011.

BARROS, Fernanda Pinheiro; MARIZ, Luciana; PEREIRA, Camila Sequetto. *Universos: Língua Portuguesa, 6º ano.* 3. ed. São Paulo: Edições SM, 2015.

BECHARA, Evanildo. *Gramática Escolar da Língua Portuguesa.* 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa.* 37.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BORGATTO, Ana Maria Trinconi; BERTIN, Terezinha Costa Hashimoto; MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho. *Projeto Taláris: Português, 6º ano.* 2. ed. São Paulo: Ática, 2015.

BRAGANÇA, Marcela Langa Lacerda. *A gramaticalização do verbo ir e a variação de formas para expressar o futuro do presente: uma fotografia Capixaba.* Vitória: UFES, 2008. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística Parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras.* Vol. 1 . 9. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012.

CAMARA Jr., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa.* 44.ed.– Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CARVALHO, Laiz B. de; DELMANTO, Dileta. *Jornadas.port – Língua Portuguesa, 6º ano.* 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro.* São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *Pequena Gramática do Português Brasileiro.* São Paulo: Contexto, 2012.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português Linguagens, 6º ano.* 9.ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

COSTA, Cibele Lopresti; MARCHETTI, Greta; SOARES Jairo J. Batista. *Para Viver Juntos: Português, 6º ano.* 4.ed. – São Paulo: Edições SM, 2015.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua Portuguesa.*12.ed. Brasília: FAE, 1994.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo.* 2.ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1985.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antônio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos Teóricos Fundamentais. In: Maria Angélica Furtado da Cunha; Mariangela Rios de Oliveira; Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Orgs.). *Linguística Funcional: teoria e prática.* São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

FIGUEREDO, Joana Gomes dos Santos. *A expressão do futuro verbal na escrita escolar de Irará-BA.* Feira de Santana: UEFS, 2015. 130 p. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana.

GIBBON, A. O. *A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. Florianópolis: UFSC, 2000. 126 p. Dissertação de Mestrado em Letras/Linguística - Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

GIL, Antonio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 5. ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

GIVÓN, T. (1979b). From Discourse to Syntax: Grammar as a Processing Strategy. In: GIVÓN, T. (org.). *Sintax and Semantics: Discourse and Sintax*. Nova Yorque: Academic Press, vol, 12, p. 81-112.

HORA, Dermeval da. Teoria da Variação: trajetória de uma proposta. In: HORA, Dermeval da (Org.). *Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade.* João Pessoa: UFPB, 2004.

INFANTE, Ulisses. *Curso de Gramática Aplicada aos Textos.* São Paulo: Scipione, 1999.

KENEDY, Eduardo; MARTELOTTA, Mário Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: Maria Angélica Furtado da Cunha; Mariangela Rios de Oliveira; Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003, v., p. 17-28.

KENEDY, Eduardo; MARTELOTTA, Mário Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: Maria Angélica Furtado da Cunha; Mariangela Rios de Oliveira; Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). *Linguística Funcional: teoria e prática.* São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

KRISTEVA, Julia. *História da Linguagem*. Lisboa: Edições 70 , 1969.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos.* Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. SãoPaulo: Parábola Editorial, 2008. (Primeira versão publicada em 1972).

LIMA, Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa.* 43. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2003.

MACAMBIRA, José Rebouças. *A Estrutura Morfo-Sintática do Português: aplicação do estruturalismo linguístico***.** São Paulo: Pioneira, 2001.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação.* São Paulo: Contexto, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de Usos do Português.* São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NOGUEIRA, Itana. *Metodologia da Pesquisa Científica*. Módulo para Estudo e Exercícios. Inédito.

NUNES, Rosane. *Evolução Cíclica do Futuro do Presente: do latim ao português.* 100f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Católica de Pelotas. Rio Grande do Sul, 2003.

OLIVEIRA, Josane Moreira. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança.* Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. 254 p. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa - Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade Letras, Universidade Federal do Rio de Jan eiro.

PERINI, Mário Alberto. *Gramática do Português Brasileiro.* 4.ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____.*Gramática Descritiva do Português Brasileiro***.** Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 2016.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) Ensinar Gramática na Escola.* Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.

SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa Gramática: teoria e prática.* 5. ed. – São Paulo: Atual, 1983.

SILVA, Milca Cerqueira Etinger. *O uso do futuro perifrástico com o verbo ir no português oral e escrito de Vitória da Conquista.* Vitória da Conquista: UESB 2016.127 p. Dissertação de Mestrado em Linguística – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernando Peixoto. A Pesquisa Científica. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf> Acesso em 25 de fevereiro de 2016.

SOARES, Magda. *Português: uma proposta para o letramento, 7ª série.* São Paulo: Moderna, 2002.

Souza, Hulda Cyrelly de. Análise Linguística. In:_____. *Língua Portuguesa, 2.* Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005. (Interagir e Crescer).

TAVARES, Maria Alice. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. Edição Especial **ABRALIN/SE**, Itabaiana/SE, Ano VIII, v.17, jan./jun. 2013.

WEEDWOOD, Bárbara. *História Concisa da Linguística.* 3. Ed. São Paulo: Parábola, 2004.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore Villaça. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.)**.** *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.* 2.ed. – São Paulo: Contexto, 2004. p. 51 – 57.

APÊNDICE A – Proposta de produção textual

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

C.M.D.L.E.M. Colégio Municipal Deputado Luís Eduardo Magalhães **2ª UNIDADE**	**DISCIPLINA:** LÍNGUA PORTUGUESA E REDAÇÃO **DATA:** ___/___/2017 **SÉRIE:** 9° ANO **TURMA:** _____ **TURNO:** _____ **ESTUDANTE:** _____

PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes, ***texto I, texto II*** e ***texto III***, do vídeo ***Carta Escrita no Ano 2070*** e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo/argumentativo/descritivo, refletindo sobre o tema **A Relação da Humanidade com o Meio Ambiente.** Em seu texto, você deve descrever como será a vida na terra no futuro.

TEXTO I

Meio Ambiente e Sociedade-As relações Homem-Natureza

A contradição nas relações Homem-Natureza consiste principalmente nos problemas dos processos industriais criados pelo Homem. Esse processo é visto como gerador de desenvolvimento, empregos, conhecimento e maior expectativa de vida. Porém, o homem se afastou do mundo natural, como se não fizesse parte dele. Com todo esse processo industrial e com a era tecnológica, a humanidade conseguiu contaminar o próprio ar que respira, a água que bebe, o solo que provém os alimentos, os rios, destruir florestas e os habitats animais. Todas essas destruições colocam em risco a sobrevivência da Terra e dos próprios seres humanos.

O elevado índice de consumo e a consequente industrialização esgotam ao longo do tempo os recursos da Terra, que levaram milhões de anos para se compor. Muitos desastres naturais são causados pela ação do homem no meio ambiente. Ao contrário de muitos que pensam que a natureza é violenta, pode ser, mas seu maior agressor é o homem, que não se deu conta de que deve sua existência à ela. [...]

BERRY, Thomas. O Sonho da Terra. Petrópolis: Vozes, 1991.

Disponível em: http://ecoviagem.uol.com.br/fique-por-dentro/artigos/meio-ambiente/meio-ambiente-e-sociedade-as-relacoes-homem-natureza-1316.asp. Acesso em 15 de abril de 2017.

TEXTO II

Disponível em: http://www.imaginie.com/temas/os-desafios-da-relacao-entre-o-homem-e-o-meio-ambiente/. Acesso em 15 de abril de 2017.

TEXTO III

Xote Ecológico

Luiz Gonzaga

Não posso respirar, não posso mais nadar
A terra está morrendo, não dá mais pra plantar
E se plantar não nasce, se nascer não dá
Até pinga da boa é difícil de encontrar

Não posso respirar, não posso mais nadar
A terra está morrendo, não dá mais pra plantar
E se plantar não nasce, se nascer não dá
Até pinga da boa é difícil de encontrar

Cadê a flor que estava aqui?
Poluição comeu
E o peixe que é do mar?
Poluição comeu
E o verde onde é que está?
Poluição comeu
Nem o Chico Mendes sobreviveu

Disponível em: https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/295406/. Acesso em 15 de abril de 2017.

APÊNDICE B - Entrevista com discentes

ENTREVISTA COM OS ALUNOS DO 9º ANO B

NOME:_____

TEMA: A Relação da Humanidade com o Meio Ambiente

1. Você assistiu ao vídeo ***Carta Escrita em 2070.*** No vídeo o autor fala da aparência dele. Fale um pouco da nossa aparência no futuro, com base no vídeo.

2. Descreva também a aparência do nosso planeta no futuro, caso o homem não mude a sua relação como meio ambiente.

3. Você também produziu um texto com o tema “A Relação da Humanidade com o Meio Ambiente”, utilizando além do vídeo, três textos motivadores. Na charge, o autor mostra que toda a destruição do meio ambiente é para ganhar dinheiro. Comente sobre o dinheiro e a solução para os problemas ambientais no futuro.

4. A música “Xote Ecológico”, de Luiz Gonzaga, apresenta algumas ações que já estão ocorrendo no meio ambiente. Que ações você descreveu no seu texto para o futuro do meio ambiente e da humanidade?

5. Para finalizar, qual a sua visão de futuro, em relação ao meio ambiente? Por que?

APÊNDICE C – Entrevista com docentes

ENTREVISTA COM PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

NOME:_____

TEMA: O Tempo Verbal Futuro do Presente

Como professores de Língua Portuguesa, observamos que, nas falas e produções escritas dos nossos alunos, há um significativo uso do tempo verbal futuro do presente. Entre as formas utilizadas pelos discentes, o tempo verbal futuro do presente em sua forma perifrástica, com o verbo IR como auxiliar, uso não previsto pela gramática normativa, tem sido uma forma bastante recorrente.

1. Como o livro didático que você utiliza aborda o tempo verbal **futuro do presente**?

2. Você segue apenas o livro didático para trabalhar com os tempos verbais ou busca apoio em outros materiais didático pedagógicos? Caso sua resposta seja afirmativa, quais?

3. Você tem lido alguma pesquisa recente acerca do uso do **futuro do presente?** Caso tenha lido, quais? A sua prática pedagógica tem sido influenciada por essas leituras?

4. Ao trabalhar o tempo verbal **futuro do presente**, como o assunto é exposto em sala de aula? A forma perifrástica é abordada ou apenas a forma sintética, trazida pela gramática normativa?

5. As atividades realizadas com os alunos envolvem a forma perifrástica ou apenas a forma sintética?

6. Você já refletiu sobre o uso da forma perifrástica com o verbo *IR* como auxiliar, mais infinitivo do verbo principal?

APÊNDICE D – Atividade escrita

C.M.D.L.E.M. Colégio Mun. Dep. Luís Eduardo Magalhães **II UNIDADE**	**DISCIPLINA:** Língua Portuguesa **DATA:** ___/___/2017 **SÉRIE:** **TURMA:** **TURNO:** **ESTUDANTE:**

Análise Linguística e compreensão textual

1º) Ouça e analise a letra da música Herdeiros do Futuro de Toquinho, em seguida responda as questões propostas.

Herdeiros do Futuro
(Toquinho)

A vida é uma grande
Amiga da gente
Nos dá tudo de graça
Pra viver
Sol e céu, luz e ar
Rios e fontes, terra e mar

Somos os herdeiros do futuro
E pra esse futuro ser feliz
Vamos ter que cuidar
Bem desse país
Vamos ter que cuidar
Bem desse país

Será que no futuro
Haverá flores?
Será que os peixes
Vão estar no mar?
Será que os arco-íris
Terão cores?
E os passarinhos
Vão poder voar?

Será que a terra
Vai seguir nos dando
O fruto, a folha
O caule e a raiz?
Será que a vida
Acaba encontrando
Um jeito bom
Da gente ser feliz?

Vamos ter que cuidar
Bem desse país
Vamos ter que cuidar
Bem desse país

Será que no futuro
Haverá flores?
Será que os peixes
Vão estar no mar?
Será que os arco-íris
Terão cores?
E os passarinhos
Vão poder voar?

Será que a terra
Vai seguir nos dando
O fruto, a folha
O caule e a raiz?
Será que a vida
Acaba encontrando
Um jeito bom
Da gente ser feliz?

Vamos ter que cuidar
Bem desse país
Vamos ter que cuidar
Bem desse país

Compreendendo o texto

1- O principal objetivo deste texto é:
(A) deixar as pessoas animadas com o país.
(B) assustar as pessoas quanto ao futuro do país.
(C) alertar as pessoas para cuidar bem do país.
(D) apenas alegrar as pessoas com essa música.

2- Foram usadas várias frases com ponto de interrogação no texto para:
(A) saber o que as pessoas pensam.
(B) organizar o texto corretamente.
(C) as pessoas se preocuparem mais com o país.
(D) fazer as pessoas refletirem sobre suas ações.

3- No trecho "Somos herdeiro do futuro", a palavra sublinhada se refere a:
(A) algumas pessoas.
(B) todas as pessoas
(C) as crianças
(D) aos idosos

4- Com a frase "A vida é uma grande amiga da gente", o autor quis dizer que:
(A) ela nos dá tudo de graça pra viver.
(B) ela tudo que nos oferece
(C) as pessoas não são amigas da vida.
(D) a vida está satisfeita com nossas ações.

5- No trecho, "Um jeito bom de ser feliz", a expressão sublinhada indica:
(A) tempo
(B) modo
(C) lugar
(D) causa

6- Você se preocupa com o futuro do país? Por quê?
_____
_____
_____

7- Em sua opinião, como o país deveria ser tratado pelas pessoas?
_____
_____
_____

8- A partir dessa canção podemos detectar os elementos vitais para a sobrevivência do ser humano: Sol, céu, luz, ar, rios e fontes, terra e mar. Discuta com os seus colegas a importância desses aspectos para a vida. A que conclusão vocês chegaram?
_____
_____
_____
_____

Refletindo sobre a língua

1- Grife todos os verbos presentes na música e em seguida separe-os de acordo com o tempo verbal.

PRESENTE	PASSADO	FUTURO	FORMAS NOMINAIS

2- Vamos refletir sobre a realização do futuro na língua portuguesa.

a) Observe a realização do futuro na canção de Toquinho. O futuro é realizado da mesma forma em todas as ocorrências? Justifique sua resposta.

_____

_____

b) De que outra forma você realizaria o futuro nos enunciados abaixo?
"Haverá flores?" _____
"Vão estar no mar?"_____
"Terão cores?"_____
"Vão poder voar?_____

c) Reflita sobre as duas formas de realizar o futuro na questão anterior. Qual delas é mais comum no atual português do Brasil?

_____

d) Observe como você realiza o futuro. Será que você utiliza mais a forma sintética (apenas uma forma verbal) ou a forma perifrástica (verbo ir como auxiliar + infinitivo do verbo principal)?

_____

2º) Veja a tirinha a seguir e responda as questões propostas.

a) Retire do texto duas locuções verbais e indique por quais verbos elas são formadas.

_____

_____

b) Na frase “Eu vou ser o bandido” a quem se referem os verbos e em qual tempo e pessoa eles estão conjugados?

_____

_____

3º) Leia a tira a seguir e responda as questões.

(Folha de S. Paulo, 5/2/2005.)

No primeiro balão da tira, foi empregada uma locução verbal e duas formas verbais simples.

a) Identifique-as e indique a que tempo e modo cada uma delas pertence.

_____

_____

b) Qual delas indica certeza? Qual indica possibilidade?

_____

c) O autor do texto poderia ter empregado, em vez de locução verbal, uma forma verbal simples. Nesse caso, qual seria ela?

_____

d) Na tirinha acima, qual forma verbal soa mais comum, a forma simples “serei” ou a locução verbal “vou ser”? Por que?

_____

_____